

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHAREL EM HISTÓRIA

KAMILY BRAGA PINTO

QUEM ERA ÀS MULHERES QUE IAM PARA A FOGUEIRA?

Uma análise dos contos da Bela Adormecida

Campo Grande/MS

2025

KAMILY BRAGA PINTO

QUEM ERA ÀS MULHERES QUE IAM PARA A FOGUEIRA?

Uma análise dos contos da Bela Adormecida

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Bacharelado no curso de História da Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dra. Dilza Porto Gonçalves

Campo Grande/MS

2025

Para todas as mulheres que vieram antes de mim e
me ensinaram questionar as formas de poder.

AGRADECIMENTOS

Com imensa felicidade agradeço a todos que participaram da minha formação acadêmica e profissional. Para todos que me auxiliaram nesta jornada fantástica devo apenas meus sinceros agradecimentos, principalmente a minha orientadora, a Professora Dra. Dilza Porto Gonçalves que me apoiou ao longo da trajetória acadêmica, obrigada a todas conversas e ensinamentos sobre a Idade Moderna.

Agradeço a todos os docentes e colegas do curso de História Bacharel na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, os ensinamentos e risadas me ajudaram no processo de formação e possibilitaram-me a compreensão do papel da historiadora. Agradeço ao grupo de orientação por meio de conversas me ajudaram-me a elaborar o TCC.

Tenho a imensa gratidão pela minha família, pais me ensinaram a ser uma pessoa melhor, a minha mãe Anselma que com amor e dedicação foi um exemplo de mãe e mulher que com risadas me ensinou como era ser amada. Ao meu pai Vilmar que fez meus dias mais leves com as brincadeiras e por meio de um trabalho árduo garantiu que eu pudesse sonhar. As minhas irmãs Maria Eduarda e Laryssa que por meio de risadas tornaram meus dias simples e foram exemplo de mulheres fortes que gostaria de me tornar. Agradeço com todo meu coração ao meu companheiro Ricardo Carpes de Britto por me ajudar nesta trajetória e fazer meus dias mais leves e por escutar horas de explicações sobre “caça às bruxas”.

Para meus amigos que me ensinaram que os estudos poderiam ser leves e engraçados, “Panelinha” agradeço imensamente o apoio de vocês e por meio do Documentário sobre a História de Sidrolândia pude ter a confirmação que amava história. Eu sou muito grata a todos que estiveram em minha vida, amigos, família, professores, etc, sem vocês o mundo seria menos colorido, fico imensamente feliz que minha trajetória tenha aprendizados que vocês me ensinaram.

Agradeço a menina Kamily que não desistiu em nenhum momento, mesmo tendo várias dificuldades neste árduo caminho eu agradeço por permanecer persistindo e nunca desistindo dos seus sonhos.

RESUMO

Está pesquisa analisa a Caça às “bruxas” realizada na Europa por volta dos séculos XVI ao século XIX e como foi construída a representação da bruxa nos Contos da Bela Adormecida de Giambattista Basile (1634), de Charles Perrault (1697) e dos Irmãos Grimm (1812). Sabe-se que foi dura a perseguição às mulheres na Idade Moderna, o Estado e a Igreja com seus aparelhos burocráticos organizaram a perseguição. Foi preciso compreender também como a representação da “Eva pecadora” e a utilização do Manual Malleus Maleficarum afetaram diretamente na imagem de parteiras e curandeiras. Utilizou-se a História Cultural para analisar as representações das “bruxas” utilizadas nos contos de fada e na perseguição das mulheres pela inquisição. Para compreender o contexto histórico da época Moderna recorreu-se a bibliografia da História Moderna e, aplicou-se a Análise de Conteúdo para compreender os contos da Bela Adormecida e suas influências no imaginário da bruxa e da feminilidade criada nos moldes culturais e capitalistas. Os contos influenciaram na propagação da misoginia ao longo dos séculos e na reputação de milhares de mulheres.

Palavras- Chaves: Caça às “bruxas”; Idade Moderna; Mulheres; Contos da Bela Adormecida; feminilidade; capitalismo.

ABSTRACT

This research analyzes the witch hunts carried out in Europe from the 16th to the 19th centuries and how the representation of witches was constructed in Giambattista Basile's *Tales of Sleeping Beauty* (1634), Charles Perrault's *Tales of Sleeping Beauty* (1697), and the Brothers Grimm's *Tales of Sleeping Beauty* (1812). It is known that the persecution of women in the Modern Age was harsh, and the State and the Church, with their bureaucratic apparatuses, organized this persecution. It was also necessary to understand how the representation of "sinful Eve" and the use of the *Manual Malleus Maleficarum* directly affected the image of midwives and healers. Cultural history was used to analyze the representations of "witches" used in fairy tales and the persecution of women by the Inquisition. To understand the historical context of the Modern Era, we used the bibliography of Modern History, and Content Analysis was applied to understand the *Sleeping Beauty* tales and their influence on the imagery of the witch and femininity created within cultural and capitalist molds. The tales influenced the spread of misogyny over the centuries and the reputations of thousands of women.

Keywords: Witch-hunting; Modern Age; Women; *Sleeping Beauty* tales; femininity; capitalism.

SUMÁRIO

1.Introdução.....	7
2.Caça às “bruxas” segundo a historiografia.....	13
3.Como as “bruxas” foram parar nos contos infantis.....	23
3.1 Análise do conto da Bela Adormecida/ O conto dos contos de Giambattista Basile.....	28
3.2. Análise do conto da Bela Adormecida do Bosque de Charles Perrault.....	31
3.3 Análise do conto da Bela Adormecida dos Irmãos Grimm.....	35
4. As mulheres que foram para a fogueira e as mudanças no conceito de “bruxa”	39
5. Considerações Finais.....	44
6.REFERÊNCIAS.....	47

1.Introdução

O objetivo desta pesquisa é analisar a caça às “bruxas” realizada na Europa por volta dos séculos XVI ao século XIX e como foi construída a representação da bruxa nos Contos da Bela Adormecida de Giambattista Basile (1634), de Charles Perrault (1697) e dos Irmãos Grimm (1812). O trabalho começou a partir da compreensão que é importante conhecer mais sobre as caça às “bruxas” no período da Idade Moderna, na Europa e, como esses contos da Bela Adormecida foram propagados por séculos trazendo com eles a representação das “bruxas” que foi espalhada pela civilização ocidental servindo de alguma forma para disciplinar as mulheres aos novos moldes de uma nova cultura.

No período que conhecemos como Idade Moderna no Ocidente temos uma das piores perseguições na história, a Inquisição. A partir do domínio do Estado Moderno tem-se a união de “três saberes da época”: o estado, a religião católica e protestante e o saber médico masculino, formando um aparelho burocrático para controlar os corpos femininos, com uma violência que de forma diferente, ainda se perpetua nos dias de hoje. Os discursos sobre as mulheres foram ressignificados, mas mantiveram uma mentalidade de demonização de algumas e a santificação de outras. Nesse contexto, todas as mulheres que saem dos estereótipos criados para cada época podem sofrer violências de pessoas próximas a elas.

As mulheres foram culpabilizadas pelos os acontecimentos do fim da idade média, com as pestes, fome, um sistema em ruínas e a contínua perda da igreja católica sobre os fiéis para explicar o novo que estava surgindo. Federici aponta que no período moderno vai ampliar sobre esse ódio contra as mulheres, principalmente durante os cercamentos. Mulheres que tinham conhecimento ou que de alguma forma competiam com os homens. Os manuais da inquisição serviam para identificar as “bruxas” e, foram utilizados para doutrinar e calar as mulheres, independente da classe.

Quem eram às mulheres que iam para a fogueira na Europa durante os séculos XVI ao século XIX? Como a propagação de contos sobre “bruxas” afetou dezenas de mulheres com uma brutalidade sem tamanho? A partir desses questionamentos que surgiram numa aula sobre caça às “bruxas” na disciplina de História Moderna, no curso de Bacharelado em História, na Faculdade de Ciências Humanas na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, ministrada pela professora Dilza Porto Gonçalves, me senti atraída pelo tema. Resolvi então me aprofundar no assunto e

comecei uma pesquisa e imaginando que seria algo como já tinha visto na educação básica. Porém fui envolvida por elementos da história cultural. O meu interesse recaiu sobre as mulheres de classe baixa. Fiquei pensando como as parteiras, mulheres fortes e importantes nas comunidades foram transformadas em “bruxas” e queimadas nas fogueiras da Inquisição? O que continuava a me inquietar era como foram construídas as representações da “bruxa” que até hoje temos ilustrados em filmes e livros infantis?

As representações sociais difundidas sobre as “bruxas” foram um importante elemento no meu trabalho, já que, essas representações são construídas ao longo do tempo e são difundidas por um grupo em determinada sociedade. Para Spink essas representações “têm de ser entendidas a partir do seu contexto de produção. Ou seja, a partir das funções simbólicas e ideológicas a que servem e das formas de comunicação onde circulam”.¹

Historiografia literária moderna, nascida no bojo de projetos de afirmação nacional dos emergentes estados burgueses da Europa opunha a historicidade à estaticidade do mundo clássico, podendo articular-se a universalidade deste, por uma espécie de metonímia, aos interesses despaisados da aristocracia. Se na história são múltiplas as relações que se estabelecem entre ascensão burguesa e nacionalismo, no caso da história da literatura, tal relação parece estreitar-se no enlace entre Romantismo e História da Literatura (Lajolo, 2012, p.109).

A historiografia literária foi fundamental para a compreensão dos contos. Esses contos são uma parcela da representação da “bruxa” no imaginário popular, essa imagem de que as mulheres (principalmente as mais velhas) eram cruéis e que comem crianças na floresta era uma forma de disciplinar as crianças sobre as “bruxas”, sobre em não confiar em mulheres e que a floresta deveria ser temida. A literatura foi necessária para ampliar essas representações.

Este trabalho também analisa os contos: *Contos da Bela Adormecida dos Irmãos Grimm*, *Contos da Bela Adormecida do bosque do Charles Perrault* e o conto dos contos do *Giambattista Basile*. Para entender quem foram as mulheres que iam para a fogueira, o contexto da caça é fundamental.

O conto do Giambattista Basile vai retratar a história da Bela adormecida, como Talia ao longo do conto é apresentada e a vilã é retratada como uma “bruxa”. Com elementos importantes para uma análise, juntamente com os outros dois contos de

¹ SPINK, M. J. P. **The Concept of Social Representations in Social Psychology**. Cad. Saúde Public., Rio de Janeiro, 9 (3): 300-308, jul/sep, 1993.

Perrault e dos Irmãos Grimm irão demonstrar como as representações dessas mulheres se vinculou rapidamente na literatura e foi propagada ao longo dos séculos.

O contexto dentro do qual se analisam os dados deve ser explicitado em qualquer análise de conteúdo. Embora os dados estejam expressos diretamente no texto, o contexto precisa ser reconstruído pelo pesquisador. Isto estabelece certos limites. Não é possível incluir, nessa reconstrução, todas as condições que coexistem, precedem ou sucedem a mensagem, no tempo e no espaço. Não existem limites lógicos para delimitar o contexto da análise. Isto vai depender do pesquisador, da disciplina e dos objetivos propostos para a investigação, além da natureza dos materiais sob análise (Moraes, 1999, p.03).

O objetivo dessa análise nos contos é compreender como o imaginário popular representou a “bruxa” em suas leituras. Para Chartier essa leitura “não é uma invariante histórica - mesmo nas suas modalidades mais físicas -, mas um gesto, individual ou coletivo, dependente das formas de sociabilidade, das representações do saber ou do lazer.”² Os contos foram fundamentais na minha pesquisa, pois com eles pude compreender como a cultura popular foi disciplinada contra essas mulheres que morreram na Inquisição. Compreendi que com os contos, a literatura se vincula extremamente forte com o imaginário popular, já que, os contos de Basile é uma oralidade da população sobre os acontecimentos “sobrenaturais” que ocorreram na Inquisição.

Os contos de fadas publicados pelos impressores de Troyes são, portanto, textos eruditos, emanados dos meios aristocráticos e preciosos no momento de maior entusiasmo pelo gênero. Mesmo se suas intrigas e seus motivos demarcam ou cruzam aqueles dos contos camponeses, eles não deixam de propor aos leitores populares textos letrados trazidos de início pela cultura feminina dos salões e da Corte (Chartier, 1945, p. 268).

Chartier aborda que os contos têm relação com os meios aristocráticos, entretanto eles se relacionam com a cultura popular. As impressoras de Troyes foram fundamentais para perpetuar a leitura para a classe popular, principalmente leituras que foram conduzidas na Corte e compreende-se que as mulheres da alta classe foram fundamentais por estimular a leitura nas classes altas.

Neste trabalho a Análise de conteúdo é fundamental para a compreensão dos três contos. Para Bardin a análise de conteúdo é importante para a pesquisa sobre comunicação em massa, estes estereótipos que todos têm a “bruxa” são formados ao longo dos contos e introduzidos na sociedade.

² Chartier, Roger, 1945-**Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. Roger Chartier; tradução Álvaro Lorencini, São Paulo: Editora UNESP, 2004, p.173.

Os estereótipos sociais espontaneamente partilhados pelos membros de um grupo, relativos a certas profissões, países ou nomes próprios, aplicou-se um teste de associação de palavras a uma amostra de indivíduos. Um estereótipo é a - ideia que temos de...- a imagem que surge espontaneamente, logo que se trata de... É a representação de um objeto (coisas, pessoas, ideias) mais ou menos desligada da sua realidade objectiva, partilhada pelos membros de um grupo social com uma certa estabilidade (...). Estrutura cognitiva e não inata (submetida à influência do meio cultural, da experiência pessoal, de instâncias e de influências privilegiadas como as comunicações de massas), o estereótipo, no entanto, mergulha as suas raízes no afectivo e no emocional, porque está ligados ao preconceitos por ele racionalizado, justificado ou engendrado (Bardin, 1977, p.51).

Os estereótipos que foram construídos para as mulheres provocaram uma construção sobre uma masculinidade “tóxica”. Para compreender a criação dessa masculinidade ligada com uma religião cristã, os homens (salvadores de todas as mocinhas) serão extremamente fortes, ligados com uma racionalidade forte e sempre serão os “provedores da casa”, com os contos notei esses “manuais” de como seria um verdadeiro “cavaleiro”/ homem que sempre seriam os salvadores das histórias. Levando em conta essa construção do masculino, compreendi também nos contos a divulgação dessa feminilidade das mulheres, elas sempre seriam “fracas”, sempre seriam muito emocionais e sempre seriam submissas aos homens.

Para a construção do imaginário feminino, foi necessário manuais de como serem mulheres e mães, a Idade Moderna realizou novos moldes dessa feminilidade forçada, para as mulheres a inocência é necessário, seu lar seria a “casa” e sua função seria cuidar de todos sem interferir muito nos negócios dos homens. A violência contra as mulheres foram “legalizadas” na inquisição, entretanto com essa criação de estereótipos homem másculo e mulher feminina notei o crescimento dessa violência nos dias de hoje, em Mato Grosso do Sul é um dos Estados que mais tem casos de feminicídio. Os estereótipos reforçam as violências contra as mulheres, quanto mais uma mulher foge desses moldes femininos criado e encontra uma liberdade própria, os homens criados com essa “masculinidade tóxica” construída e invés de comemorar, eles sentem como perdesse o cargo de “salvador” da vida dessas mulheres.

Para Moraes, a análise de conteúdo vem de qualquer material, sendo os contos também um material rico em comunicações e “os dados advindos dessas diversificadas fontes chegam ao investigador em estado bruto, necessitando, então,

ser processados para, dessa maneira, facilitar o trabalho de compreensão, interpretação e inferência a que aspira a análise de conteúdo.”³

Ao longo desta evolução, cada vez mais, a compreensão do contexto evidencia-se como indispensável para entender o texto. A mensagem da comunicação é simbólica. Para entender os significados de um texto, portanto, é preciso levar o contexto em consideração. É preciso considerar, além do conteúdo explícito, o autor, o destinatário e as formas de codificação e transmissão da mensagem (Moraes, 1999 , p.03).

Por meio da História Cultural compreendemos que a História da “Caça às bruxas” foi fundamental para a elite dismantelar a cultura popular que estava na época portanto “no processo de longa duração de erradicação da violência, tornada monopólio do Estado absolutista, que é preciso inscrever a importância crescente das lutas de representação.”⁴ Para Chartier, essas representações estão ligadas com estruturas sociais.

Ao trabalhar sobre as lutas de representação, cuja questão é o ordenamento, portanto a hierarquização da própria estrutura social, a história cultural separa-se sem dúvida de uma dependência demasiadamente estrita de uma história social dedicada exclusivamente ao estudo das lutas econômicas, porém opera um retorno hábil também sobre o social, pois centra a atenção sobre as estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser-percebido constitutivo de sua identidade (Chartier, 1991, p.183).

Utilizando-se da História Cultural para a compreensão do que estava acontecendo na Idade Moderna e novos moldes culturais que começou a ser propagado. Para Pesavento a “Cultura é ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada.”⁵ Este trabalho se divide em: *Caça às “bruxas” segundo a historiografia* trazendo uma contextualização. Na segunda parte abordo como as “bruxas” foram parar nos contos infantis e relato como as mulheres foram consideradas “bruxas” e as representações ocorrem nos contos, da *Bela adormecida*. E por fim as *mulheres que foram para fogueira e as mudanças no conceito de “bruxa”* e quem eram as mulheres que iam para a fogueira e como as parteiras estavam inseridas e a

³ MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. Revista Educação , Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

⁴ CHARTIER, Roger. **O mundo como Representação**. Estudos Avançados 11(5), 1991. Tradução de Andrea Daher e Zenir Campos Reis, p.186.

⁵ PESAVENTO, Sandra. **História e História Cultural**. Editora Autêntica. 2007, p.15.

influência na feminilidade passada por século e, por fim, as considerações finais do trabalho.

2. Caça às “bruxas” segundo a historiografia

Durante a Idade Moderna houve um avanço do sistema capitalista, onde a violência foi a principal base para o controle sobre os corpos, e sobre os conhecimentos. Neste contexto da “caça às bruxas”, realizou-se uma perseguição sobre as mulheres.

Desde a Idade Média, com a queda do feudalismo, a repressão sobre as mulheres aumentou por conta da crise econômica. Para Paola Zordan “a crescente pobreza, que acompanha a extinção do feudalismo e o desenvolvimento dos centros urbanos, produziu histórias sobre “bruxas” que comem pessoas desenterradas e se alimentam de carne podre.”⁶ Com as questões climáticas, a fome, a peste e as guerras, as “bruxas” foram utilizadas como bode expiatório para a igreja católica ainda se manter no poder. Com a criação dos Estados Burocráticos abriu um grande leque para a perseguição e em momentos de desesperança a culpa sempre recaiu em uma minoria que foi utilizada como “a grande pecadora”. Para Jules Michelet a criação da bruxa vem desta amargura “ De onde vem a bruxa? digo sem hesitar: “Tempos de desespero. Do profundo desespero que o mundo fez, eu digo sem hesitar: “A bruxa é o crime dela.”⁷ .E em *Calibã e a bruxa*, a autora Silvia Federici nos apresenta esse elemento importante, que marca a “idade das luzes”.

Não pode haver dúvida, então, de que a caça às bruxas foi uma iniciativa política de grande importância. Reforçar este ponto não significa minimizar o papel que a Igreja Católica teve na perseguição. A Igreja Católica forneceu o arcabouço metafísico e ideológico para a caça às bruxas e estimulou a perseguição à elas, da mesma forma que anteriormente havia estimulado a perseguição aos hereges. Sem a Inquisição, sem as numerosas bulas papais que exortavam as autoridades seculares a procurar e castigar as “bruxas” e, sobretudo, sem os séculos de campanhas misóginas da Igreja contra as mulheres, a caça às bruxas não teria sido possível (Federici, 2017. p. 301-302).

Federici aborda que a “caça às bruxas” como fundamental para o desenvolvimento do capitalismo e juntamente com os Estados burocráticos em ascensão, com a centralização de poder e a criação dos saberes jurídicos, médicos e um exército permanente para assegurar a ordem. Para a realização da “Caça às

⁶ ZORDAN, Paola Basso Menna Barreto Gomes. Bruxas: figuras de poder. Revista Estudos Feministas. [S. l.], v. 13, n. 2, p. 336, 2005. DOI: 10.1590/S0104-026X200500020007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X200500020007>. Acesso em: 31 mar. 2025

⁷ MICHELET, Jules. **A feiticeira**. Editora Aquariana; 1a edição, 2003. página 11.

bruxas” continuar e tomar força na idade moderna, todos os aparelhos burocráticos do Estado estiveram a serviço dessa perseguição. Levack afirmou que:

A grande caça às bruxas na Europa não poderia ter ocorrido enquanto os membros das elites governantes dos países europeus, especialmente os homens que controlavam a operação da máquina judicial, não abraçassem as diversas crenças sobre as atividades diabólicas das bruxas (Levack, 1900, p. 27).

Pode-se afirmar que foram necessário que todos os saberes concordasse com o genocídio de mulheres, a “caça às bruxas” foi um ato institucional e o Estado liderou este massacre sobre os corpos femininos e suas vivências e em todas as classes sociais apoiaram estes julgamentos.

Os tratados de bruxaria do período moderno inicial conseguiram tornar os membros letrados da sociedade europeia conscientes da bruxaria e convictos de sua realidade. A leitura de tais obras, porém, limitava-se a pequena porção da população, consistindo principalmente de membros de classes superiores e da elite dirigente. Esse segmento da sociedade, que incluía advogados, juizes e magistrados, era perfeitamente capaz, com base no conhecimento que adquirira sobre a bruxaria e no poder legal que possuía, de conduzir uma caça às bruxas. Para que uma intensiva caça às bruxas tivesse sucesso, entretanto, era necessário que as classes inferiores tivessem algum entendimento da natureza diabólica do crime. Ainda que muitas das acusações de bruxaria procedessem de cima (i.e, de autoridades e juizes), a detenção e julgamento de bruxas requeria o apoio de toda a comunidade (Levack, 1900, p.53).

Federici aponta em *Calibã e a bruxa* que a perseguição na caça às mulheres, foi pensada por todas as estruturas da sociedade dominante, não apenas uma questão religiosa, e o Estado burocratizou essa opressão sobre as mulheres. Entretanto, os intelectuais também participaram ativamente nesta caça. Homens que já possuíam algum tipo de poder no conhecimento, simplesmente não tiveram nenhuma angústia em participar desse massacre, porquê de alguma forma eles se sentiam “acuados” sobre esse poder feminino, e ascensão das mulheres nos campos teóricos.

Mas foram os juristas, magistrados e demonólogos, frequentemente encarnados na mesma pessoa, os que mais contribuíram na perseguição. Foram eles que sistematizaram os argumentos, responderam aos críticos e aperfeiçoaram a maquinaria legal que, por volta do final do século XVI, deu um formato padronizado, quase burocrático, aos juízos, o que explica as semelhanças entre as confissões para além das fronteiras nacionais. No seu trabalho, os homens da lei contaram com a cooperação dos intelectuais de maior prestígio da época, incluindo filósofos e cientistas que ainda hoje são elogiados como os pais do racionalismo moderno (Federici, 2017, p. 299).

Compreende com Federici que essa perseguição contra as mulheres foi um encadeamento social que marcaria a história das Mulheres. Acredita-se que “ a caça às bruxas” se coloca na encruzilhada de um aglomerado de processos sociais que preparam o caminho para o surgimento do mundo capitalista moderno”⁸. Com a “caça às bruxas”, modificou toda uma estrutura de uma nova percepção para o trabalho e corpos femininos e “deste modo, assim como a divisão internacional do trabalho, a divisão sexual foi, sobretudo, uma relação de poder, uma divisão dentro da força de trabalho.”⁹

O desenvolvimento do capitalismo começou com uma guerra contra as mulheres: a caça às bruxas dos séculos XVI e XVII, processo que na Europa e no Novo Mundo, levou a milhares de mortes. Apontar e perseguir as mulheres como “bruxas” preparou o terreno para o confinamento das europeias no trabalho doméstico não remunerado. Isso legitimou sua subordinação aos homens, dentro e fora da família. Deu ao Estado controle sobre sua capacidade reprodutiva, garantindo a criação de novas gerações de trabalhadores e trabalhadoras. Dessa forma, as caças às bruxas estruturaram uma ordem especificamente capitalista, patriarcal, que continua até hoje (Federici, 2019, p.91).

Ao refletir sobre este elemento fundamental para a realização da “caça às bruxas”, foram os cercamentos que ocorreram na Europa, com a transição entre o feudalismo para o capitalismo, as terras se tornaram exclusivamente em propriedade privada, a desigualdade sobre os camponeses gerou revoltas. Levack aborda que “a era da grande caça às bruxas foi também a era das grandes rebeliões populares da história da Europa (...)”¹⁰. A realização dos motins foram na maioria liderados pelas mulheres. Compreende-se em *calibã e a bruxa* que “é na luta anti feudal que encontramos o primeiro indício na história europeia da existência das raízes de um movimento de mulheres que se opunha à ordem estabelecida”.¹¹

Para a Federici, o cercamento foi um resultado, “o cercamento físico operado pela privatização da terra e o cercamento das terras comunais foram ampliados por meio de um processo de cercamento social (...)”¹² Essa ligação com o elemento do cercamento e a caça às bruxas foi dada desde do momento da “acumulação privada” e os conflitos internos do fim da Baixa Idade Média e o início da Idade

⁸ FEDERICI, Silvia. **Mulheres e a caça às bruxas**: da idade média aos dias atuais. Tradução Heci Regina Candiani. 1 edição. São Paulo: Boitempo, 2019, página 40

⁹ FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva (coletivo Sycorax, trad.). São Paulo: Editora Elefante, 2017, página 232

¹⁰ LEVACK, Brian. A. **Caça às bruxas na Idade Moderna**. [p.60]. Campus Editora RJ; 1 edição, 1900.

¹¹ FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva (coletivo Sycorax, trad.). São Paulo: Editora Elefante, 2017, página 45.

¹² FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva (coletivo Sycorax, trad.). São Paulo: Editora Elefante, 2017, página 163.

Moderna garantiu a perseguição sobre as mulheres. E desse modo, “a história das mulheres e da acumulação primitiva mostrou, a construção de uma nova ordem patriarcal, que tornava as mulheres servas da força de trabalho masculina”¹³

Compreender o papel que tiveram as mulheres na crise do feudalismo e os motivos pelos quais seu poder devia ser destruído a fim de que se desenvolvesse o capitalismo, tal como ocorreu com a perseguição às bruxas durante três séculos. Da perspectiva estratégica dessa luta, é possível observar que o capitalismo não foi o produto do desenvolvimento evolutivo que dava à luz forças que estavam amadurecendo no ventre da antiga ordem. O capitalismo foi uma resposta dos senhores feudais, dos mercadores patrícios, dos bispos e papas a um conflito social centenário que chegou a fazer tremer seu poder e que realmente produziu uma grande sacudida mundial (Federici, 2017, p. 44).

Para Burke “no final do século XVI e início do século XVII, houve uma tentativa sistemática por parte de membros da elite, principalmente dos cleros católico e protestante, em reformar a cultura do povo comum”¹⁴ Os conhecimentos culturais da população foram “demonizados” e quem poderia desfrutar de tal poder eram considerados hereges, uma tentativa do novo sistema em apagar totalmente os saberes da sociedade e escrever novos saberes, que ficaria nas mãos de uma parcela da população.

É importante chamar atenção para o fato de que o desejo da Igreja Católica era manter o seu domínio ideológico sobre todas as classes sociais, e afastar o fortalecimento de outras religiões, lançam a proposta de condenar uma “cultura unitária”, com o mesmo fim para toda a sociedade. Isto significa dizer que os intelectuais também apresentavam interesse em reformular a cultura popular e queria expandir totalmente o conhecimento intelectual (Filho, 2008, p.05).

A “caça às bruxas” foi um instrumento para extinguir totalmente o conhecimento da população na época, com as mulheres que foram queimadas, anos de saberes, de práticas foram queimadas com elas. Em *Mulheres e a Caça às Bruxas* compreende que os saberes dessas mulheres eram considerados perigosos.

Junto com as bruxas foram eliminadas crenças e uma série de práticas sociais/culturais típicas da Europa rural (...). Nesse sentido, temos de pensar nos cercamentos como um fenômeno mais amplo que a simples separação da terra por cercas. Devemos pensar em um cercamento de conhecimento de nosso corpo, de nossa relação com outras pessoas e com a natureza (Federici,, 2019, p.55).

¹³ FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva (coletivo Sycorax, trad).São Paulo: Editora Elefante, 2017, página 232

¹⁴ BURKE, Peter. **Cultura popular** na Idade Moderna: Europa 1500-1800. Tradução Denise Bottmann. Companhia de Bolso. 2010, p.181.

Com um novo aparelho burocrático que visava um novo “controle” sobre os corpos, e infelizmente foi utilizados como uma extensão de poder do Estado. Silvia Federici, aborda que a acumulação capitalista transformou os corpos em uma extensão da máquina burocrática.

A partir de agora seus úteros se transformaram em território político, controlados pelos homens e pelo Estado: a procriação foi colocada diretamente a serviço da acumulação capitalista e o corpo feminino foi transformado em instrumento para a reprodução do trabalho e para a expansão da força de trabalho, tratado como uma máquina natural de criação, funcionando de acordo com ritmos que estavam fora do controle das mulheres (Federici, 2017, p. 170)

Compreende-se a relação dos Estados burocráticos com a violência realizada na caça às mulheres e “a promoção do crescimento populacional por parte do Estado pode andar de mãos dadas com uma destruição massiva de vidas; pois em muitas circunstâncias históricas¹⁵”. Um dos objetivos pela perseguição sobre as mulheres, foi a questão da natalidade da época, com a Pandemia da Peste Negra e alto índice de mortalidade infantil, um novo sistema principalmente o capitalismo que necessita de novos trabalhadores. Para Federici afirma que “a caça às bruxas serviu para privar as mulheres de suas práticas médicas forçou-as a se submeterem ao controle patriarcal da família nuclear e destruiu um conceito holística de natureza que, até a renascença (...).”¹⁶.

O Estado teve que recorrer à regulação e à coerção para expandir ou reduzir a força de trabalho. Isso era especialmente verdade no momento em que o capitalismo estava apenas decolando, quando os músculos e ossos dos trabalhadores eram os principais meios de produção. Mas mesmo depois – e até o presente – o Estado não poupou esforços na sua tentativa de arrancar das mãos femininas o controle da reprodução e da determinação de que crianças deveriam nascer, onde, quando ou em que quantidade (Federici, 2017, p. 180).

Os Estados burocráticos precisavam ter o controle sobre o nascimento de novos cidadãos, para Federici era necessário um “processo que demandou a transformação do corpo em uma máquina de trabalho e a sujeição das mulheres para a reprodução da força de trabalho”.¹⁷ Era necessário acabar com este “poder” feminino que foi por séculos um trabalho destinado para as parteiras e curandeiras.

¹⁵ FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva (coletivo Sycorax, trad). São Paulo: Editora Elefante, 2017, página 35

¹⁶ FEDERICI, Silvia. **Mulheres e a caça às bruxas**: da idade média aos dias atuais. Tradução Heci Regina Candiani. 1 edição. São Paulo: Boitempo, 2019, página 39

¹⁷ FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva (coletivo Sycorax, trad). São Paulo: Editora Elefante, 2017, página 119

A caça às bruxas buscou destruir o controle que as mulheres haviam exercido sobre sua função reprodutiva e serviu para preparar o terreno para o desenvolvimento de um regime patriarcal mais opressor. Defende-se também que a caça às bruxas tinha raízes nas transformações sociais que acompanharam o surgimento do capitalismo (Federici, 2017, p.30).

A questão sobre a reprodução foi uma das questões fundamentais para o controle total sobre os corpos, na concepção da era medieval sobre os corpos se alterou bastante com a racionalização na era moderna. Os corpos agora teriam “novas funções” e seu domínio estaria nas mãos do Estado, as mulheres teriam a “virtude” de carregar no ventre novos “cidadãos de bem”, entretanto essa missão veio em forma de ferro e fogo, as mulheres foram caçadas a todo momento só por pensar em não ter filhos.

O elemento-chave desse processo foi a destruição da concepção mágica de corpo vigente na Idade Média. É nesse contexto que o ataque às mulheres como bruxas deve ser situado. Devido a sua relação singular com o processo de reprodução, em muitas sociedades pré-capitalistas, foram reconhecidas por uma compreensão particular dos segredos da natureza, que as capacitava, supostamente, a proporcionar vida e morte e a descobrir as propriedades ocultas das coisas. Praticar magia (na condição de curandeiras, médicas tradicionais, herboristas, parteiras, criadoras de poções de amor) também foi, para muitas mulheres, uma fonte de emprego e, indubitavelmente, uma fonte de poder, embora as expusesse à vingança quando os remédios falhavam.

Esse é um dos motivos pelos quais as mulheres se tornaram os principais alvos da tentativa capitalista de construir uma concepção de mundo mais mecanizada. A “racionalização” do mundo natural - precondição de uma disciplina de trabalho mais organizada (Federici, 2019, p 65).

O controle sobre corpos femininos e a taxa de nascimentos estava sob o controle total do Estado, propagando que essas “bruxas” estavam assassinando crianças repercutiu por vários séculos. Segundo Federici, essa “caça às bruxas” levou milhares de mulheres a serem condenadas pelo crime de bruxaria, como vimos, o controle sobre os corpos femininos, principalmente sobre a natalidade e as consequências de tudo isso foi que as mulheres começaram a ser processadas em grande escala. A autora afirma que “durante os séculos XVI e XVII, mais delas foram executadas por infanticídio do que por qualquer outro crime, exceto bruxaria, uma acusação que também estava centrada no assassinato de crianças e outras violações de normas reprodutivas.”¹⁸

No entanto, a principal iniciativa do Estado com o fim de restaurar a proporção populacional desejada, foi lançar uma verdadeira guerra contra as mulheres, claramente orientada a quebrar o controle que elas haviam

¹⁸ FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva (coletivo Sycorax, trad). São Paulo: Editora Elefante, 2017, página 176

exercido sobre seus corpos e sua reprodução. Como veremos mais adiante, essa guerra foi travada principalmente por meio da caça às bruxas, que literalmente demonizou qualquer forma de controle de natalidade e de sexualidade não procriativa, ao mesmo tempo em que acusava as mulheres de sacrificar crianças para o demônio. Mas a guerra também recorreu a uma redefinição do que constituía um crime reprodutivo (Federici, 2017, p.174).

A “caça às bruxas” foi fundamental para “orientar” os novos eventos que seria na adaptação do ser feminino e perpetuariam anos de violência, relações que foram construídas ao longo dos séculos. Para a Federici “a feminilidade foi construída como uma função-trabalho que oculta a produção da força de trabalho sob o disfarce de um destino biológico.”¹⁹. A repressão contra as mulheres desfrutou do objetivo de uma nova “ordem” social que surgiu com os Estados Burocráticos, o genocídio que aconteceu nas fogueiras tinham uma finalidade de destruir totalmente o poder populacional feminino e acarretou séculos de destruição nos corpos e mentes das mulheres.

Por meio da caça às bruxas, portanto, um novo código social e ético foi imposto, e isso tornou qualquer fonte de poder independente do Estado e da Igreja suspeita de diabolismo, e provocou o medo do inferno - o medo do mal absoluto sobre a terra. O fato de ter sido comumente assumido que a personificação do diabo era uma mulher teve profundas consequências para a condição das mulheres no mundo capitalista que a caça às bruxas ajudou a construir (Federici, 2019, p.57).

Segundo Federici, as fogueiras transmitiram essa mentalidade de poder, era uma ampliação de domínio do Estado, compreende que a “caça às bruxas” foi muito bem pensada e utilizada para um apagamento total de outras culturas que ainda existiam na Europa, na era moderna apenas uma cultura deveria ser “superior às outras”, a de homens brancos, nobres e/ou burgueses e de religião cristã.

Na Europa, as caças às bruxas foram os meios pelos quais as mulheres se educaram em relação a suas novas obrigações sociais e a maneira pela qual uma grande derrota foi imposta às "classes baixas". que precisaram aprender sobre o poder do Estado para renunciar a qualquer forma de resistir a ele. Nas fogueiras não estavam apenas os corpos de "bruxas", destruídos; também estava todo um universo de relações sociais que fora a base do poder social das mulheres e um vasto conhecimento que elas haviam transmitido, de mãe para filha, ao longo de gerações - conhecimento

¹⁹ FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva (coletivo Sycorax, trad).São Paulo: Editora Elefante, 2017, página 31

sobre ervas, sobre meios de contracepção ou aborto e sobre quais magias usar para obter o amor dos homens (Federici,, 2019, P 72).

Esse apagamento de outras culturas, para Burke, “Há menos a se dizer sobre a cultura católica reformada, pois distingue-se menos da cultura popular tradicional, contra a qual objetavam os reformadores.”²⁰

A reforma da cultura popular até agora foi apresentada em termos negativos. É claro que os reformadores tinham ideais positivos, e em todo caso sabiam que não teriam possibilidade de êxito se não oferecessem ao povo algo para substituir as festas, canções e imagens tradicionais que estavam tentando abolir. Por isso, os devotos tentaram criar uma nova cultura popular (Burke, 2010, p.173).

No contexto da “caça às bruxas” e das reformas da cultura popular, o *Malleus Maleficarum* (o martelo das bruxas) foi o manual mais utilizado, em 1486 foi escrito pelos autores monges dominicanos Heinrich Kramer e Jacobus Sprenger e sendo usado para “identificar uma bruxa”. Foi amplamente utilizado pelos inquisidores católicos e protestantes, e lido por toda elite do “conhecimento”. Para Rose Muraro, “durante três séculos o Malleus foi a bíblia dos inquisidores e esteve na banca de todos os julgamentos.”²¹. Foi um livro que propagou rapidamente, com uma visão preconceituosa sobre as mulheres e a ligação com a bruxaria. Os autores em *Malleus Maleficarum* demonstram sua discriminação sobre as mulheres e “seu sexo frágil” e colocaram as parteiras como “seres malignas” que deveriam ser combatidas.

Portanto, consideremos antes de mais nada às mulheres; e primeiro porque este tipo de perfídia se encontra num sexo tão frágil; mais que nos homens. E nossa investigação será antes de mais nada geral, e quanto ao tipo de mulheres que se entregam à superstição e a bruxaria; e terceiro de maneira específica, com relação às parteiras que superam em malignidade a todas as outras (Kramer e Sprenger.Tradução.Alex H.S,2007, P.49).

Um dos elementos importantes no *Malleus maleficarum* é que os autores também “colocam a culpa” nos corpos femininos e que as baixas na natalidade seria culpa das “bruxas”. Notamos neste manual a visão preconceituosa sobre as mulheres e que a bruxaria era a principal culpada pelo o que ocorria aos homens, pois estes

²⁰ BURKE, Peter. **Cultura popular** na Idade Moderna: Europa 1500-1800. Tradução Denise Bottmann. Companhia de Bolso. 2010, p.177.

²¹ MURARO, Rose. **Breve introdução histórica (ao livro o martelo das feiticeiras)**. Revista Em aberto. v.27 n.92 (2014) Gênero e educação.página 186 **Disponível em:** <<https://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2515/2253>**>**
Acesso em: 9 abr. 2025.

quando enfeitiçados não eram culpabilizados, afinal “quem conseguiria aguentar um olhar fatal de uma bruxa?”. Já que, no final, sempre a culpa recai sobre as mulheres.

Agora bem, como se diz na Bula papal, existem sete métodos por meio dos quais infectam de bruxaria o ato venéreo e a concepção do útero: Primeiro, levando a mente dos homens a uma paixão desenfreada. Segundo, obstruindo sua força de gestação. Terceiro, eliminando os membros destinados a esse ato. Quarto, convertendo os homens em animais por meio de artes mágicas. Quinto, destruindo a força de gestação das mulheres. Sexto, provocando o aborto. Sétimo, oferecendo às crianças aos demônios (Kramer e Sprenger.Tradução.Alex H.S,2007, P.57).

No manual, *Malleus Maleficarum*, Kramer e Sprenger apresentam como as mulheres são manipuladoras, isso se dá pela “origem” pela aquela que eles consideram como “grande pecadora”, a Eva. Na religião cristã acredita-se que Eva comeu de uma maçã e que as angústias que a terra estaria passando é pela culpa de Eva, que retirou-os do paraíso, notamos em vários momentos esse ódio pelas mulheres utilizando a figura de Eva. As mulheres, descendentes de Eva, sempre estarão ligadas com uma “parcela de culpa” carregando em seus corpos, essa visão perpetuou por séculos. A culpabilização dessas mulheres, por meio do cristianismo e as justificativas por meio de “uma ciência”, colocou-as em um nível inferiorizado e com a “alma” corrompida pelo demônio, desde sempre.

Pois mesmo o demônio levando Eva ao pecado, Eva seduziu Adão. E como o pecado de Eva não havia levado a morte a nossa alma e corpo, a menos que o pecado passasse depois para Adão, o qual foi tentado por Eva, e não pelo demônio, então ela é mais amarga que a morte. É mais amarga que a morte, porque isso é natural e destrói apenas o corpo; mas o pecado que nasceu da mulher destrói a alma ao despojá-la da graça, e entregar o corpo ao castigo pelo pecado (Kramer e Sprenger.Tradução.Alex H.S, 2007,P.56).

Ao longo do tempo esse ódio impactou, negativamente, a história de milhares de mulheres. Essa visão de Eva foi um dos elementos fundamentais para esse ódio generalizado sobre as mulheres com esta imagem ficaria no imaginário por séculos. Essa mentalidade perpetuou por anos em nossas cabeças, uma culpa geracional. Analisamos o bendito fruto, a maçã, como uma simbologia para o conhecimento, Eva por fim teria comido uma fruta que o próprio demônio ofereceu, o poder do conhecimento.

A mulher, através do pecado original, tornou-se responsável pelas dores e a morte do gênero humano. Com isso, passou, então, a simbolizar a tentação, o pecado e o mal. A imagem da Eva na Bíblia, como uma mulher que seduz, construiu uma representação extremamente negativo para o sexo feminino através da tradição judaico-cristã. Acreditava-se que, como Eva, todas as mulheres eram seres não confiáveis e com moral inferior(Gevehr e Souza, 2014, P.115).

Na Idade Moderna, a imagem da “bruxa” se relaciona muito com a imagem de Eva, um caminho que as mulheres não poderiam seguir. A trajetória mais aconselhada a ser seguida seria de Maria, mãe de Jesus, pelo fato de sua virgindade ser mantida. Esse “controle” sobre os corpos femininos era uma forma de “disciplinar” essas mulheres e as que viriam depois, o seu lugar, seu jeito de falar, sua sexualidade. Para Federici, a “caça às bruxas” construiu “um novo modelo de feminilidade a que as mulheres tiveram de se conformar para serem socialmente aceitas durante o desenvolvimento da sociedade capitalista: a feminilidade assexuada, obediente(...)”²².

dividiu as mulheres. Ensinou a elas que, ao se tornarem cúmplices da guerra contra as bruxas e aceitarem a liderança dos homens quanto a isso, obteriam a proteção que as salvaria do carrasco ou da fogueira. Ensinou-as, acima de tudo, a aceitar o lugar a elas designado no desenvolvimento da sociedade capitalista, pois, uma vez que fosse aceito que poderiam se tornar servas do diabo, a suspeita de diabolismo acompanharia a mulher por todos os instantes de sua vida (Federici, 2019,p.70).

As mulheres foram colocadas em um patamar de vigilância, seus modos deveriam ser vigiados a todos momentos, e séculos depois elas próprias iriam se fiscalizar o próprio jeito de sentar, a sua escolha de maridos ou até mesmo a justificativa de homens serem o “líder” de tudo o que se refere a seu próprio corpo

As bruxas eram chamadas de sujas, indecentes, modestas, imorais. Contudo, os seus primeiros passos neste caminho foram, pode-se dizer, uma feliz revolução no que há de mais moral, de bondade, de caridade. Através de uma monstruosa perversão de ideias, a Idade Média considerava a carne, na sua representante (amaldiçoada desde Eva), a Mulher, como impura. A Virgem, exaltada como virgem, e não como Nossa Senhora, longe de criar a verdadeira mulher, rebaixou-a colocando o homem no caminho de uma pureza escolástica onde se ia apostar no sutil e no falso (Michelet, 2003 , P.109).

Compreende-se que durante a “caça às bruxas” foram perseguições sobre as mulheres e foram utilizadas todas as extensões do Estado para a realização desse genocídio, também foram utilizados acabouços intelectuais e religiosos para promover essa repressão sobre as mulheres. As mulheres que foram para as fogueiras foram subjugadas e condenadas por séculos por crimes que não cometeram, seus corpos foram aprisionados por séculos nas imagens de uma “bruxa”.

²² FEDERICI, Silvia. **Mulheres e a caça às bruxas**: da idade média aos dias atuais. Tradução Heci Regina Candiani. 1 edição. São Paulo: Boitempo, 2019, página 70.

3. Como as “bruxas” foram parar nos contos infantis.

Às “bruxas” que foram transformadas em contos eram apenas mulheres normais e que por séculos foram odiadas por crimes que não tinham cometido e sua imagem seria eternizada de uma forma desagradável em contos infantis. Pode-se dar como exemplo: em um dia você é uma mulher tentando sobreviver, no outro você está passando pelas torturas e, por fim, você leva seus sonhos e vivências para queimar contigo e que eternizam uma “sátira”, as crianças tremeriam só pela sua menção. Para Paola Zordan, os contos utilizam dessas mulheres em formas de personagens para as histórias “como personagem de imaginários em que as fronteiras entre real e ficcional estão densamente dissolvidas, a típica malvada dos contos de fadas e de várias histórias infantis.”²³

Quando conseguem escapar, se por algum motivo se opõem e se recusam a performar essa suposta feminilidade, são condenadas ao ostracismo afetivo, à solidão, ao isolamento. Deixam de representar o que foram autorizadas a ser: belas princesas presas sozinhas em torres altas à espera do príncipe – seu senhor e salvador –, doces jovens virginais, boas esposas e mães (com frequência, nos contos de fadas, mortas – uma vez que esse ideal de bondade, prestabilidade e beleza é irreal). Belas mulheres plenamente redentoras não podem existir como mulheres reais, apenas como mães mortas; a única maternidade possível é a da madrasta má. E, assim, reaparecem sob a forma de bruxas más, velhas, feias e narigudas (trata-se aqui de violência etarista e étnico-racista) condenadas à companhia apenas das plantas e dos animais (Myara, 2024, p.27).

Os contos infantis foram importantes para propagar o medo sobre as “bruxas”, anos depois virariam filmes e levariam o mesmo sentido, a propaganda de um ódio extremo pelas mulheres que foram queimadas, esse contos por séculos foi uma demonstração sobre os acontecimentos de uma forma lúdica em explicar quem era essas “bruxas”. Para Michelet, afirma que

Os contos de fadas, livres dos ornamentos ridículos com que os últimos editores os adornaram, são o coração do próprio povo. Eles marcam uma época poética, entre o comunismo grosseiro da vila primitiva e a licenciosidade da época em que uma burguesia nascente fazia dos nossos cínicos fabliaux. Esses contos têm um fundo histórico, lembrando as grandes fomes (de ogros, etc.) (Michelet, 2003, p.45).

Todos os contos que conhecemos de alguma forma conta as histórias que eram passadas de geração em geração, esse medo foi exposto nos contos, ao realizar a

²³ ZORDAN, Paola Basso Menna Barreto Gomes. Bruxas: figuras de poder. Revista Estudos Feministas. [S. l.], v. 13, n. 2, p. 332, 2005. DOI: 10.1590/S0104-026X200500020007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X200500020007>. Acesso em: 31 mar. 2025

escrita dessas narrativas, os autores expõem a forma que a população foi disciplinada sobre as “bruxas”.

Não podemos ignorar, é claro, o fato de que um medo subjetivo, de acordo com a sociedade, pode adquirir caráter de realidade, como quando os vãos noturnos de bruxas rumo aos sabás deixaram de ser apenas produto de sonhos influenciados pelo diabo para tornarem-se uma realidade material na mentalidade dos europeus.” Por “perigos objetivos”, entendem-se os perigos como o medo do lobo, do mar, da fome, etc. Já os “perigos subjetivos” possuem origem cultural, por vezes de suporte material, como o medo dos fantasmas, da noite ou das bruxas. Portanto, ao mesmo tempo em que podem ser nocivos, podem ser a força motriz de um ímpeto de autopreservação e busca pela segurança (Rodrigues., 2012 p.02)

Às “bruxas” que foram transformadas em contos sempre era a personagem “problemática” que ia contra as personagens principais e eram entrelaçadas com o contexto de ódio sobre os reis, príncipes e princesas. Ao contrário disso, as princesas

eram aquelas descritas nas histórias com o físico e o comportamento semelhantes a santa. Já aquelas que estavam em desacordo com essas determinações sociais, serão sempre as vilãs das narrativas, tendo características pecaminosas, selvagens e hediondas, além de sempre serem chamadas por nomes pejorativos como “bruxa”, “madrasta má” ou “criatura artilosa (Monticelli, 2022, p.03).

Compreende-se que à “bruxa” sempre seria a personagem que vai contra uma ordem, principalmente as dos reis, e sempre estava interferindo que a personagem principal, a princesa (levava todas as questões de beleza e feminilidade) conseguisse alcançar sua verdadeira felicidade, que seria o príncipe. Para Andressa Monticelli, essa inveja das “bruxas” sobre as mocinhas tinham autoridade sobre o que seria “certo ou errado” “Muito por conta da influência religiosa sobre a visão de mundo e ideia de justiça dos autores, as personagens femininas invejosas eram ditas como bruxas e mexiam com feitiçaria”²⁴.

Para além de guardarem a riqueza do imaginário antigo, de criarem realidades metafísicas e eventos atemporais, de revitalizarem mitos da sexualidade, da sedução, da beleza corpóreo-espiritual, do retorno às origens, da jornada de morte e renascimento, de ligarem o homem à natureza, de ensejarem diálogos entre vozes do passado e do presente, de ensejarem discussões em torno da precária e privilegiada condição humana, de contemplarem sentimentos extáticos experimentados pelos iniciados no amor, os contos populares levam o ouvinte/leitor à reflexão sobre comportamentos humanos patológicos e degradantes nas legítimas figurativizações do mal (assassinato, perseguição, inveja, fúria, ódio, mentira, crueldade, engodo, covardia) bem como nas autênticas expressões do bem (liberdade, renascimento, amor, coragem, fé, humildade, sabedoria, paz, recomeço, perdão, solidariedade), variáveis estas que se constituem

²⁴ MONTICELLI, Andressa Alteneter. **CONTOS DE FADAS: A MORAL EUROPEIA NA IDADE MODERNA**. Programa de Pós-graduação em História pela PUCRS. 2023. página 04.

soluções “mágicas” para os “eternos” problemas existenciais na saga do bem-viver (Ribeiro, 2021, p.42).

Os contos foram importantes para propagar a visão do Estado sobre as mulheres, uma forma de disciplinar toda uma geração de mulheres depois da caça, assegurou por séculos o ódio sobre essas “bruxas” e fomentou-se que crianças em todas décadas criasse uma repulsa contra mulheres que viviam livremente, uma misoginia sem tamanho. Para Maria Goretti Ribeiro, esses contos foram fundamentais para a perpetuação desse imaginário popular, para explicar, em forma lúdica, quais eram os sentimentos da população sobre os acontecimentos, como a fogueira era transmitida.

Os contos maravilhosos são, em sua maioria, narrativas criadas pela imaginação popular, desde épocas remotíssimas, transmitidos pela oralidade (depois, transcritos, reescritos, estilizados e parodiados) que se desenvolvem dentro de uma magia feérica, em cujo universo fabuloso personagens especiais agem como heróis, vilões, vítimas e entes inefáveis, num tempo e espaço fora da realidade vivencial, utilizando-se de objetos mágicos, metamorfoses e outros recursos, ainda que representem a vida e encenem a condição humana (Ribeiro, 2021, p.40).

Nestas narrativas, à “bruxa” sempre vem vinculada como um ser de destruição, por meios de feitiços ela vai arruinar a vida da mocinha, à “bruxa” também é vinculada como a madrasta má, vários contos irão colocar essa personagem como a personagem vilã da história, e todos os conto notamos os elementos de “inveja” da vilã com a mocinha

Desta forma, percebe-se que os contos populares reconstróem as imagens da bruxa utilizando se de um processo de hibridização para recontar de forma própria a mitologia da miséria humana e do medo dos inocentes que se cristalizara em diversas faces do demonismo e da vitimização. A caricatura grotesca e taciturna da bruxa repugnante e maléfica, em qualquer época, tempo, cultura ou forma de apresentação e de culto é produto do ambíguo inconsciente humano que expressa de forma simbólica e em filigranas as aberrações da maldade que cria (Ribeiro, 2021, p.50).

A autora Maria Goretti Ribeiro afirma que as madrastas postas nos contos também eram entrelaçadas como “bruxas” e eram extremamente más e cruéis, as mocinhas das histórias desses contos sempre deveriam passar por uma longa provação contra à “bruxa”. Nestes contos observamos a questão da inveja de uma mulher velha sobre a princesa bela e nova, com a idade moderna analisamos que a idade das mulheres seriam também demonizados e nunca ligadas com a feminilidade.

Destarte, a morte da mãe enseja a entrada de uma substituta na vida da garota, que com ela disputa o coração do seu pai e o espaço doméstico. Madrastas malvadas são comuns nos contos clássicos. Isto significa que as heroínas jovens, belas e amadas pela família, pelos príncipes, pelos pais, devem sofrer uma longa provação agenciada pela inveja de mulheres mais

velhas, feias, enrugadas e mal amadas até que consiga se libertar e alcançar o triunfo no gran finale das histórias (Ribeiro, 2021, p.47).

A personificação da “bruxa” era uma alusão sobre pessoas que iriam em oposição de códigos e moralidades da época e que ousaram questionar uma soberania de um poder totalitário, essas “bruxas” seriam as verdadeiras vilãs, pois seriam oposição dos Estados burocráticos e as protagonistas sempre viriam acarretadas de um personagem masculino (príncipe e reis). Para Carlo Ginzburg, esses personagens masculinos seria uma salvação para as princesas, o fato do reino passar por um momento difícil (as maldições das “bruxas”), e no fim o salvador viria em um cavalo branco e destruiria essa onda de crueldade “Foi identificado a um enredo elementar, típico das fábulas mágicas: o herói, após ter resolvido com meios extraordinários uma tarefa difícil, casa com a princesa (às vezes, depois de ter assassinado o velho rei).”²⁵

A malícia da bruxa é bem conhecida. Ela reinou na aldeia. Mas o castelo vem até ela, entrega-se, e do lado onde o seu orgulho mais se arrisca. O interesse desse amor, para nós, é o impulso de um coração em direção ao seu ideal, contra a barreira social, contra a injustiça do destino. Para a bruxa, é o prazer amargo e profundo de humilhar a alta dama e talvez se vingar, o prazer de devolver ao senhor o que ele fez com que seus vassalos tirassem de si, pela audácia de uma criança, o escandaloso direto ao casamento. Não há dúvida de que, nessas intrigas em que a bruxa tinha o seu papel, muitas vezes ela carregava um pano de fundo de ódio nivelador, natural ao camponês (Michelet, 2003, p.117).

Os contos foram necessários para passar este ensinamento de modelos que não eram aceitos, às “bruxas”, os ogros, personagens que iriam contra ao modelo instaurado e considerado como o “ideal”. Com as reformas nos campos religiosos e nas estruturas da sociedade, criou-se um modelo de mulher perfeita, as princesas seriam essa personagem que levaria por séculos a responsabilidade de educar as crianças sobre esses novos modelos. Já os príncipes seria o modelo de perfeição para uma criação de masculinidade, eles também seriam um personagem que levou por eras este modelo para as crianças e seria o personagem “cativante” que lutaria guerras, um verdadeiro cavaleiro para o reino, sempre salvaria as donzelas do perigo, não temeria nada e seguiria uma religião cristã. Esses dois personagens seriam por fim os estereótipos de uma personificação perfeita do que era uma mulher e um homem nos novos moldes culturais que perpetuam por décadas.

Elas as tratavam de temas fundamentais em todas as sociedades humanas, mas eram mais adequadas a seu tempo, porque tinham sido criadas numa

²⁵ GINZBURG, Carlo. **História Noturna**: decifrando o sabá. Tradução de Nilson Moulin Louzada- São Paulo. Companhia das Letras, 1939, p.202.

cultura nacional e cristã. O maravilhoso contido nas histórias podia ser apresentado de modo seguro na voz irônica de Perrault: eram contos do passado e destinados às crianças. As imoralidades contidas nas histórias podiam ser transformadas para se adequar às necessidades da educação cristã (Zeman, 1928, p.207).

Essas “bruxas” que foram transformadas em contos infantis eram apenas mulheres que viviam uma liberdade e possuíam conhecimentos populares e foram ligadas para sempre com esta terrível passagem sobre a história das mulheres, os contos foram fundamentais por nutrir o ódio contra as mulheres e ensinar para uma nova geração tremer mulheres que viviam livremente. Os contos da Bela Adormecida foram responsáveis por retratar como a “caça às bruxas” foram retratadas para a sociedade.

As mulheres que foram transformadas em “bruxas” nos contos foi perpetuada em vários contos como: Bela Adormecida, Branca de Neve, Cinderela, Pequena Sereia e entre outros. Nos contos da Bela Adormecida compreende-se as representações dessas mulheres como “bruxas”, sendo elas: uma bruxa vingativa, uma rainha-ogra, uma esposa “desobediente”.

Para melhor compreendemos isso, no próximo tópico faremos uma análise dos contos da Bela Adormecida, em diferentes épocas sobre as representações das bruxas.

3.1 Análise do conto da *Bela Adormecida*/ O conto dos contos de Giambattista Basile

O conto de Giambattista Basile, publicado em 1634, foi imprescindível para a constrição dos demais contos, a oralidade da população contribui para evidenciar as imagens que estava na mentalidade da época, as novas reformas no campo teórico e religioso, a fome, a peste, a transição do Feudalismo para o Capitalismo e a “caça às bruxas”. Esses acontecimentos foram essenciais e lúdicos para ensinar os novos padrões que ocorriam na Idade Moderna.

Neste conto, inicia diferente dos outros, nele o rei chama sábios para prever o futuro da princesa (Talia) “mandou vir os sábios e adivinhos de seu reino para predizer sua sorte, os quais depois de várias reuniões concluíram que ela corria um grande perigo”²⁶ e ao decorrer da história, é a mesma trajetória dos outros contos, Talia passa um longo tempo adormecida.

um grande perigo por causa de uma farpa de linho, por isso, mandou proibir que entrasse linho, cânhamo ou outra coisa semelhante em sua casa para escapar desse mal. Mas sendo Talia já grandinha e estando à janela, viu passar uma velha que fiava; e porque nunca vira nem roca nem fuso e, agradando-lhe muito aquela dança que faziam, veio-lhe tanta curiosidade que a fez entrar e, pegando a roca na mão, começou a estender o fio, mas por desgraça entrou-lhe uma farpa de linho na unha e ela caiu morta no chão (Basile, 1634).

O conto também introduz um salvador, dessa vez, é um rei de um reino distante “o falcão de um rei que estava caçando escapou e voou pela janela para dentro daquele palácio, não voltando ao seu chamado, o rei então mandou bater na porta acreditando que ali morasse gente.”²⁷. É fundamental compreender que, neste conto o “salvador” de Talia é um estuprador e ao longo do conto não ocorre a “problematização” dessa violação sobre o corpo de Talia apenas demonstram esta cena como um “ato de amor”. Interpretamos esse abuso sexual, a partir dos nossos valores que foi repassados por séculos como uma violência de gênero sobre os corpos femininos e, ensinado para as meninas que o abuso era um ato “de paixão avassaladora” e não reconheceram o abuso.

Por fim, chegou ao quarto onde estava Talia como que encantada; ao vê-la, o rei achou que dormia e a chamou, mas não a acordando por mais que fizesse e gritasse, e incendiado por aquela beleza, levou-a nos braços até uma cama onde colheu os frutos do amor; deixando-a deitada (Basile, 1634).

²⁶ BASILE, Giambattista. *O conto dos contos*. 1634, s/p

²⁷ BASILE, Giambattista. *O conto dos contos*. 1634, s/p

Consequentemente no conto também “invoca” a maternidade (forçada) de um estupro e a correlação que apenas a maternidade poderia salvar a vida das mulheres, com isto os filhos de Talia salva-a chupando o veneno.

Depois de nove meses, Talia pariu um casal de filhos, um menino e uma menina, que pareciam duas fadas que apareceram no palácio e os puseram nos seio da mãe; ali, querendo sugar e não encontrando o bico do seio, pegaram o dedo, e tanto sugaram que tiraram a felpa, e apareceu a Talia que acordasse de um grande sono, mas vendo aquelas joias a seu lado deu-lhes o seio e cuidou delas como a própria vida (Basile, 1634).

Novamente a vilã desse conto é uma rainha, evidenciando a sátira que os escritores tinham sobre as governantes. Entretanto, a semelhança neste conto com o Perrault, é que a rainha também tenta sacrificar as crianças e transformá-las em comidas, essa crueldade em realizar um banquete com as carnes das crianças para entregá-las ao próprio pai. Identificamos outro “salvador” das maldades da rainha, o cozinheiro também salva a vida das crianças e impede essa crueldade.

Por isso a rainha mandou-o em nome do rei dizer a Talia que queria ver os filhos, e ela mandou-os com grande alegria, mas aquela coração de medeia ordenou ao cozinheiro que o matasse e fizesse várias sopas e pratos para dar de comer ao pobre marido. O cozinheiro, que era de bom coração, vendo esses dois pomos de ouro, teve compaixão e, entregando-os à esposa para que se escondesse, preparou dois cabritos de cem modos diferentes (Basile, 1634).

A rainha percebendo que a sua crueldade sobre os filhos de Talia não retirou a sua fúria, ela fielmente acredita que Talia é o motivos pelas suas angústias. Novamente no conto sempre identificamos o elemento de inveja que é imposto sobre a vilã contra a mocinha. Todo momento no conto, percebemos a “humildade” da mocinha sobre a vilã, entretanto a rainha é cruel e utiliza do elemento da fogueira para Talia “mas a rainha não querendo ouvir desculpas, mandou acender no pátio do palácio uma grande fogueira para que a jogassem lá dentro”²⁸

Talia, que viu as coisas malparadas, ajoelhou-se diante dela, pediu que ao menos lhe desse algum tempo para despir as roupas que estava usando. A rainha, não tanto pela misericórdia da infeliz jovem, quanto para poupar aquelas roupas bordadas de ouro e pérolas, disse: “Dispa-se, que me contento!”. E Talia, começando a se despir, a cada peça de roupa que tirava soltava um grito, tanto que tendo tirado a blusa, a saia e o casaco, quando foi tirar o saiote, soltando o último grito enquanto a levavam para fazer sabão para lavar as cuecas de Caronte, apareceu o rei, que vendo esse espetáculo, quis saber o que estava acontecendo, e perguntando

²⁸ BASILE, Giambattista. **O conto dos contos**. Editora Nova Alexandria. 1634, s/p

pelos filhos ouviu da própria esposa, que lhe acusava pela traição recebida, como os havia mandado matar (Basile, 1634).

Compreende-se que o elemento da fogueira, acendida no pátio para todos presenciarem a crueldade da rainha. Neste contexto, a fogueira para Talia é o momento de desespero em contrapartida quando a rainha/ vilã é jogada na fogueira é um momento de “louvor” e felicidades, já que, para eliminar toda a maldade é necessário queimar uma “bruxa”.

Apareceu o rei, que vendo esse espetáculo, quis saber o que estava acontecendo, e perguntando pelos filhos ouviu da própria esposa, que lhe acusava pela traição recebida, como os havia mandado matar. Ouvindo isso, o pobre rei foi tomado pelo desespero e começou a dizer: “Então eu mesmo fui o lobo mau das minhas ovelhinhas! Pobre de mim, por que minhas veias não reconheceram as fontes do mesmo sangue? (...) E dizendo isso ordenou que fosse jogada no mesmo fogo aceso para Talita (Basile, 1634).

Compreende-se que, nestes contos, a superação de uma “bruxa” vem sobre alegrias e felicidades, esquecendo totalmente as angústias que passaram. Os felizes para sempre sempre é às custas dessa personagem cruel que eram “mesquinha”, “invejosas”.

Enquanto o rei dizia estas palavras, a mulher do cozinheiro, que viu a necessidade do marido, levou a Lua e Sol até o pai; este, brincando a três com a esposa e os filhos fazia um moinho de beijos, ora com um, ora com outro; dando uma recompensa ao cozinheiro e fazendo-o cavalheiro de sua câmara, tomou Talia como esposa, a qual gozou de longa vida com o marido e os filhos (Basile, 1634).

O conto de Basile foi um dos contos fundamentais para os contistas, e chega mais perto da divulgação dos manuais do *Malleus Maleficarum*. Relembrando que esse manual foi importante para a “caça às bruxas”, o conto vem desse bojo de disseminação do conhecimento das “marcas de uma bruxa”. O conto de Perrault também está interligado com o conto de Basile e do manual do *Malleus*, compreende-se que esses contistas estavam relatando a oralidade da população e as explicações sobre os motivos da realização dessa “caça às bruxas”.

O conto dos Irmãos Grimm, sendo o conto “mais novo” traz esse elemento já consolidado nas representações das mulheres nesses novos moldes da feminilidade, se os contos de Basile e Perrault estavam disciplinando as mulheres a seguir um novo modelo de ser mulher na Idade Moderna, os irmãos Grimm no seu conto já com a “caça às bruxas” terminada eles explicam esse modelo de feminilidade e as representações que perpetuaram em todas as classes. Os contos

dos Grimm foi o mais famoso, repercutiu em todas camadas e ainda impacta várias vidas, já que, viraram filmes da Disney²⁹.

3.2. Análise do conto da Bela Adormecida do Bosque de Charles Perrault

Primordialmente, esses contos demonstram como a “caça às bruxas” propagaram-se nas histórias, o elemento da “bruxa” nas histórias. Estas, deveriam ser mortas pelo príncipe para eliminar todo mal que ela havia realizado, ela é o empecilho para o “feliz para sempre” dos mocinhos e deve ser detida, mesmo se for a própria mãe do príncipe.

O bem e o mal estão sempre presentes nos contos de fadas, representando a batalha eterna do homem. Na animação “A Bela Adormecida” essa estrutura permanece, pois a bruxa tenta de todas as formas impedir que a maldição seja desfeita pelo príncipe apaixonado. É o beijo do amor verdadeiro, representado pelo jovem, que desfaz o mal lançado sobre a princesa. A bruxa permanece até o final da história em seu ódio e maldade, não recuando ou se modificando com o passar do tempo, o que levou à sua morte pela espada do príncipe e ao triunfo do amor (Cardoso R e Dutra V, 2016, p.08).

A história da Bela Adormecida do Bosque, de Charles Perrault, publicado em 1697, também inicia com o aniversário da Bela Adormecida e esquecem de chamar uma fada velha “mas, quando todos tinham tomado lugar à mesa, viu-se entrar uma velha fada que não tinha sido convidada”³⁰ (Perrault, 1697) e se sentindo desprezada, amaldiçoa a Bela adormecida. Compreende no início do conto a relação entre jovem × velha tão imortalizado nas histórias infantis e na “caça às bruxas”, essa disputa que as mulheres aos longos dos séculos passaram e estabeleceram que a mulher mais velha era descartada (seu corpo não “serviria” mais para “produzir” filhos) e sua figura sentiria “inveja” da sua juventude.

Ao decorrer do conto notamos que, os presentes que as fadas dão-lhe para a Bela Adormecida, novamente, estão vinculadas com as “virtudes femininas”/ a feminilidade.

As fadas começaram a conceder seus dons à princesa. A mais jovem lhe deu o dom de ser a pessoa mais bonita do mundo; a seguinte, de ser tão inteligente quanto um anjo; a terceira, de ter uma graça admirável em tudo o que fizesse; a quarta, de dançar à perfeição; a quinta, de cantar como um rouxinol; a sexta, de tocar qualquer tipo de instrumento com o maior virtuosismo. Ao chegar a vez da fada velha, balançando a cabeça mais por despeito que por velhice, ela disse que a princesa haveria de furar a mão

²⁹ Walt Disney Company começa a partir da sua fundação em 16 de outubro de 1923. É uma empresa conhecida por realizar animações de conto de fadas

³⁰ PERRAULT, Charles. **A Bela Adormecida** do Bosque. Editora Cosac & Naify. 1697, s/p

num fuso e morrer por causa disso (Perrault, 1697).

Semelhantemente nas narrativas, o príncipe é um excelente salvador que libertará a Bela Adormecida desta maldição “princesa há de furar a mão num fuso; mas, em vez de morrer, ela apenas vai cair num sono profundo que durará cem anos, ao fim dos quais o filho de um rei virá despertá-la.”³¹. É fundamental esse processo de agouro sobre a mocinha, ligada com uma religião judaica- cristã que acredita-se que o corpo humano deve passar por angústias na terra para conquistar o reino do céu e reparamos que, os contos em sua nuances está disciplinando os leitores.

Ele se aproximou e se ajoelhou perto dela Então, com o fim do encantamento, a princesa acordou; mirando-o com mais ternura nos olhos do que um primeiro encontro parecia permitir, disse a ele: – É você, meu príncipe? Você, que se fez esperar por tanto tempo? O príncipe, encantado com tais palavras, e mais ainda com a maneira como foram ditas, não sabendo como demonstrar sua alegria e gratidão, garantiu-lhe que a amava mais do que a si mesmo (Perrault, 1697).

Neste conto de Perrault, notamos um elemento importantíssimo na riqueza do conto e fundamental para a sua perpetuação, a gravidez de Bela adormecida. Entendemos que, na “caça às bruxas” os inquisidores para difamar a imagem das mulheres afirmavam que, elas “matavam” crianças para oferecer para demônios e analisando-o este conto passa essa mesma imagem. A rainha-mãe (mãe do príncipe) e sua grande ligação com a raça dos ogros “dizia-se até nos cochichos da corte que a rainha tinha as mesmas inclinações dos ogros e que ela, quando via criancinhas passando, fazia o maior esforço do mundo para se conter”³². Essa ligação com os ogros é fundamental para fazer a sogra da Bela Adormecida em uma vilã.

Ele viveu com a princesa por mais de dois anos, tendo com ela dois filhos: o primeiro, uma menina, que foi chamada de Aurora; o segundo, um menino, chamado de Dia, pois parecia ainda mais belo do que a irmã. Várias vezes a rainha disse ao filho, para fazê-lo se explicar, que na vida era preciso satisfazer os desejos, mas ele jamais ousou contar seu segredo a ela; embora a amasse, tinha medo da mãe porque ela era da raça dos ogros (Perrault, 1697).

Os elementos de terem duas vilãs neste conto é essencial, pois compreende a dualidade das “bruxas”, uma velha que inicia o conto amaldiçoando a mocinha e uma rainha que ao longo do conto provoca pavor e medo, está ambiguidade na imagem da “bruxa” perpetuada na “caça às bruxas”. Inicialmente notamos que, a rainha-vilã é uma referência fundamental de “bruxa” que era propagado e que ficou

³¹ PERRAULT, Charles. **A Bela Adormecida** do Bosque. Editora Cosac & Naify 1697, s/p

³² PERRAULT, Charles. **A Bela Adormecida** do Bosque. Editora Cosac & Naify 1697, s/p

no imaginário da população “assim que ele se foi, a rainha-mãe mandou a nora e os filhos dela para uma casa de campo na floresta, a fim de satisfazer mais facilmente a sua horrível vontade”³³. Este elemento da bruxa-velha e a ligação com a rainha-mãe ser de uma raça de ogros tenta ensinar para as crianças que nenhuma mulher é confiável.

– No jantar de amanhã, quero comer a pequena Aurora. – Ah! madame – disse o mordomo. – Eu já disse que quero – insistiu a rainha (e o fez num tom de ogra que tem vontade de comer carne fresca). – E é no molho Robert 2 que eu quero comê-la. O pobre-coitado, percebendo que seria inútil tentar se opor a uma ogra, foi pegar seu facão e subiu ao quarto da pequena Aurora, que estava, então, com quatro anos; ao vê-lo, ela foi abraçá-lo aos pulos, rindo, para lhe pedir um doce. Ele desabou no choro, deixando o facão cair, e correu ao terreiro para cortar a garganta de um cordeirinho, para o qual fez um molho tão gostoso que a soberana lhe disse nunca haver comido nada igual (Perrault, 1697).

Além disso, um personagem fundamental para o conto, é o personagem masculino (o cozinheiro) que também impede a monstruosidade da rainha e solidariza-se com a Bela Adormecida e as crianças.

– Não, não, madame – respondeu o pobre mordomo, comovido. – A senhora não irá morrer nem deixará de rever seus queridos filhos, e será na minha casa, onde os escondi; de novo vou enganar a rainha, fazendo-a comer, em vez da senhora, uma corça nova. Imediatamente, ele a levou para sua casa, onde a deixou cobrindo os filhos de beijos e chorando com eles, enquanto ia preparar uma corça, que a rainha comeu durante a ceia com o mesmo apetite com que teria devorado a jovem rainha. Muito contente com sua crueldade, ela já se preparava para dizer ao rei, quando ele voltasse, que lobos enfurecidos haviam devorado sua esposa e seus dois filhos (Perrault, 1697).

Consequentemente, a mocinha revê-se em momentos de provação com seus filhos e vulnerável não poderia combater a própria sogra, que demonstrou a sua verdadeira “face” de maldade. Entretanto o príncipe, novamente um salvador chega no momento crucial do conto para acabar por vez as maldades de sua mãe e mesmo testemunhando a morte de sua própria mãe “o rei não deixou de sentir pena: afinal tratava-se de sua mãe; mas logo ele se consolou com sua bela mulher e seus filhos”³⁴. A felicidade dos mocinhos só ocorre pelo fato de uma mulher (bruxa, rainha-mãe, madrasta e etc...) serem mortas, é assim que sua verdadeira maldade acaba por fim.

Reconhecendo a voz da rainha e de seus filhos, a ogra, furiosa por ter sido enganada, já na manhã seguinte, bem cedo, determinou, com uma voz assustadora que fez todos tremerem, que fosse posto no meio do pátio principal um grande tonel, o qual mandou encher com sapos, víboras, cobras e serpentes, para jogar lá dentro a rainha e seus filhos, o mordomo,

³³ PERRAULT, Charles. **A Bela Adormecida** do Bosque. Editora Cosac & Naify. 1697, s/p

³⁴ PERRAULT, Charles. **A Bela Adormecida** do Bosque. Editora Cosac & Naify. 1697, s/p

sua esposa e a ajudante do casal; eles foram trazidos, conforme a ordem dela, com as mãos amarradas às costas. Todos estavam lá e os carrascos já se preparavam para atirá-los no tonel quando o rei, que não era esperado assim tão cedo, entrou no pátio a cavalo; ele viera num cavalo alugado e, cheio de espanto, perguntou o que significava aquele horrendo espetáculo; ninguém se atreveu a lhe dar explicações, até que a ogra, enraivecida com o que estava vendo, jogou-se ela mesma de cabeça no tonel, onde os bichos ferozes que ela mandara pôr lá a devoraram num instante (Perrault, 1697)

Nos contos de Perrault, possui uma moral da história que é crucial para a disciplinarização dos ouvintes ao longo do tempo. A relação da espera e a bonificação de um esposo “rico, belo, gentil, bondoso” e entrelaçados com os elementos da religião e a virgindade.

moral; Esperar algum tempo para ter um esposo Rico, belo, gentil, bondoso, É coisa muito natural. Mas para esperar cem anos, sempre dormindo, Não se acha mais mulher igual, Tão tranquilamente insistindo. A fábula parece também querer mostrar Que às vezes os agradáveis nós do casório, Mesmo que tardem, podem dar em caso sério. Nada se perde por esperar; Mas a mulher com tanto ardor Aspira à fé conjugal, Que eu não tenho força nem destemor De lhe pregar esta moral (Perrault, 1697).

Os contos de Perrault e de Basile foram fundamentais para a propagação da oralidade de uma nova “cultura” e a tentativa de uma explicação sobre os acontecimentos do início da Idade Moderna. Esses contos foram fundamentais para compreender o período da “caça às bruxas” e as representações sobre as mulheres.

3.3 Análise do conto da Bela Adormecida dos Irmãos Grimm

Os contos foram fundamentais para doutrinar milhares de mulheres e aplicando a desvalorização da vida social das mulheres que foram queimadas durante a caça, um dos contos que foram propagados foi o da Bela Adormecida, para Michelet o conto da Bela Adormecida foi fundamental para ensinar os novos comportamentos da sociedade e muito ligada com a “nova” ética religiosa.

O desejo do pobre servo de respirar, de descansar, de encontrar um tesouro que ponha fim às suas misérias, muitas vezes volta a isso. Mais frequentemente, por uma nobre aspiração, este tesouro é também uma alma, um tesouro de amor que dorme (em A Bela Adormecida) (Michelet, 2003 p.45).

Esse retrato da história em várias versões ao longo dos séculos foi primordial para compreender a criação de representações sobre as “bruxas”. Os contos ensinaram para todos essa nova reformulação do ser feminino ligada extremamente com o capitalismo, com a religião, uma “nova cultura” resignada e alterada.

sobre a problemática de gênero e a forma como as sociedades patriarcais, ao longo dos últimos séculos, criaram o estereótipo da mulher – bruxa - e o passaram de geração em geração, está profundamente ligado aos valores no/para o feminino. A ficção infantil sendo um veículo poderoso de ensino - aprendizagem assume-se assim como transmissor de formas de pensar, de comportamentos e de modos de ler segundo as categorias sexuais de feminino e masculino. Estamos pois convictas de que os textos infantis ainda desenvolvem e/ou inibem modelos de identidade e de poder diferentes segundo divisões de identidade sexual. Sejam esses valores sociais, políticos, religiosos, étnicos ou outros, o que encontramos nas suas raízes é quase sempre a dicotomia maniqueísta Bem/Mal, Bruxa/Fada, Homem/Mulher, embora actualmente as coisas tenham tendência a ir mudando (Machado, 2008, p. 49)

Uma das versões mais conhecidas do conto da Bela Adormecida é dos irmãos Grimm (Jacob Grimm e Wilhelm Grimm), publicada em 1812, foi ampliada e transformada em filmes. Essa é uma das últimas versões da bela adormecida. Nesta história tão conhecida e retratada para várias crianças, no primeiro aniversário da princesa Rosicler, o rei convidou todo o reino, menos a bruxa má e essa irada por não ter sido convidada, lança uma maldição, relacionada com o azar contra a princesa que terá seu fim com 15 anos em uma roca de fiar.

A primeira dotou-a com a virtude, a segunda com a beleza, a terceira com a riqueza, e, assim por diante, com tudo o que se possa desejar no mundo. Onze fadas haviam formulado o seu dom quando, repentinamente, chegou a décima terceira. Queria vingar-se por não ter participado da festa e, sem

olhar e sem cumprimentar ninguém, disse com voz alta: - Aos quinze anos, a princesa espetará o dedo com um fuso cairá morta (Grimm J; Grimm W, 2013, p.87).

Entretanto, uma fada lança um feitiço que a princesa apenas vai adormecer por 100 anos. Neste conto podemos notar a relação das fadas contra as “bruxas”, pois as fadas são mulheres boazinhas, um exemplo para as mulheres seguirem. Para Rose Cardoso e Viviane Dutra essa ligação se realiza pela “ síntese, a dicotomia entre santa e pecadora vai coincidir com a oposição - imposta—entre fada e bruxa.”³⁵

Enquanto às “bruxas” são mulheres cruéis e sempre serão causadoras de todo mal para a princesa (às “bruxas” são as mulheres que não são um exemplo para ser seguidas). O acontecimento de uma fada/bruxa (a treze do reino)³⁶ não ser chamada para participar da festa de aniversário da Rosicler retrata esta como mulher mesquinha, que sempre está contra o rei e a princesa.

Compreende que, neste conto há o elemento de uma velha escondida numa parte do castelo e com a ferramenta que fará a princesa adormecer por 100 anos e “na fechadura, estava uma chave enferrujada e, quando a girou, a porta abriu-se, deixando ver um pequeno tugúrio, onde uma velha, sentada diante de sua roca com o fuso, fiava ativamente o linho.”³⁷ Identificamos o fato que a senhora está ligada com a própria bruxa e sendo uma figura que passa conhecimento e sabedoria ela estaria ali para mostrar para a Bela Adormecida e ensiná-la a usar a ferramenta. É preciso compreender que o conto está ensinando para as crianças não confiarem em personagens idosas, mesmo que sua figura esteja entrelaçada com o poder do conhecimento, ela deveria ser temida.

— Bom dia, avozinha, disse a princesa. O que está a fazer? — Estou a arfiar, respondeu a velhinha e inclinou a cabeça sobre o trabalho. — Que coisa é esta que gira tão depressa? — perguntou a princesa, pegando no fuso. Mal lhe tocou, porém, levou picou-se no dedo e, imediatamente caiu numa cama que havia ao lado, entrando num sono profundo (Grimm J; Grimm W, 2013, p.88)

³⁵ CARDOSO, Rosane Maria; DUTRA, Viviane da Silva. A DESCONSTRUÇÃO DO MAL: A RELAÇÃO ENTRE “A BELA ADORMECIDA” E “MALÉVOLA”. *Linguagem: Estudos e Pesquisas*, Goiânia, v. 19, n. 1, 2016. DOI: 10.5216/lep.v19i1.39898. Disponível em : <https://periodicos.ufcat.edu.br/index.php/lep/article/view/39898>. Acesso em: 19 maio. 2025.

³⁶ O número treze é vinculado ao azar, por isso quando tudo que envolvia bruxaria relacionava o número.

³⁷ GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. **Contos dos Irmãos Grimm**: Clássico infantojuvenis. Edição. Agrupamento de Escolas de Rio Mouro, outubro de 2013, p.88.

Para os **irmãos Grimm**, apenas o beijo de um príncipe poderia salvar a mocinha, “lá estava ela, tão bonita que ele não se conteve: abaixou-se e beijou-a. Assim que a tocou, a “Bela Adormecida” abriu os olhos e sorriu para ele.”³⁸ Além disso, observamos que o conto disciplina como as mulheres deveriam esperar pelo seu príncipe, muito ligado com a questão da virgindade em ser mantida, e que apenas os homens são unicamente salvadores dos feitiços das “bruxas”, as mulheres sempre “vão precisar de um príncipe para serem salvas”.

Após muitos anos, um príncipe muito audacioso veio à cidade e ouviu um velho falar sobre a lenda do castelo oculto pela sebe, no qual uma linda princesa, chamada a “Bela Adormecida”, dormia havia cem anos e, com ela, todos os habitantes do castelo. Contou-lhe também que muitos príncipes tinham tentado atravessar a sebe e nela haviam ficado presos, morrendo. O príncipe então declarou: — Eu não tenho medo. Irei e verei a “Bela Adormecida” (Grimm J; Grimm W, 2013, p.89).

Consequentemente esses felizes para sempre só são conquistados para as princesas, meigas e carregando o fato de ter uma “feminilidade” que conquistou o príncipe encantado. Entendemos que, os felizes para sempre nestes contos passa a sensação que depois de uma longa “provação” somente teriam acontecimentos leves e felizes.

O rei, a rainha e os cortesãos acordaram também e entreolharam-se, espantados. Os cavalos, nas cavaliças, abriram os olhos e sacudiram as crinas. Os cães olharam à volta e abanaram as caudas. As pombas do telhado tiraram as cabeças de sob as asas, olharam ao redor e voaram em seguida para o campo. As moscas, na parede, começaram a mover-se lentamente. O fogo, na cozinha, acendeu-se novamente e assou a carne. O cozinheiro puxou as orelhas do ajudante. O príncipe, apaixonado, casou-se com a princesa, num claro dia de sol, numa grande festa no castelo, e viveram felizes por muitos e muitos anos (Grimm J; Grimm W, 2013, p.91).

O conto da Bela Adormecida dos Irmãos Grimm foi fundamental para transmitir o conhecimento sobre “às bruxas” e doutrinar várias crianças sobre o “bem ou mal”, ensinar a respeito da nova feminilidade. Estes contos sempre estão entrelaçados com a “nova ética” da religião e a tentativa de uma nova criação de “cultura popular”. Estes contos, para Burke “assim, ler o texto de uma balada, de um conto popular ou até de uma melodia numa coletânea da época é quase como olhar uma igreja gótica “restaurada” no mesmo período”³⁹.

³⁸GRIMM, Jacob; GRIMM Wilhelm. **Contos dos Irmãos Grimm**: Clássico infantojuvenil. Edição. Agrupamento de Escolas de Rio Mouro, outubro de 2013, p.91.

³⁹BURKE. Peter. **Cultura popular** na Idade Moderna: Europa 1500-1800. Tradução Denise Bottmann. Companhia de Bolso. 2010, p.30.

Os contos de Basile, Perrault e dos Irmãos Grimm foram fundamentais por propagar por séculos a imagem de mulheres que foram queimadas nas fogueiras, um período de terror sobre os corpos e mentalidades das mulheres que foram consideradas “bruxas”. A disciplinarização sobre os novos moldes de padrões de “ser mulher” se deram pelos contos e ensinaram milhares de meninas a se espelhar em princesas, esperando um príncipe encantado lhe salvar de “monstros”, de “bruxas”. Neste contexto, eram as personagens odiadas e um empecilho para a verdadeira felicidade das mocinhas.

4. As mulheres que foram para a fogueira e as mudanças no conceito de “bruxa” .

Com as representações das “bruxas” nos contos, compreende-se a realidade das perseguições na “caça às bruxas”. A forma que colocam essas mulheres como maldosas e sem escrúpulos para atacar a mocinha, disciplina a população a tremer e pedir a morte dessas mulheres e com isso, a violência sobre os corpos femininos é legalizada. Na “caça às bruxas” mulheres foram condenadas a eternização de serem cruéis, e nos contos foi demonstrado como a população poderia disciplinar às “bruxas”.

As fogueiras foram responsáveis pelas morte de milhares de mulheres que ousaram questionar ou que ousaram dizer não para um homem. Temos a ideia que as mulheres que iriam para as fogueiras eram de alguma forma, “bruxas”. Todas que foram queimadas dessa forma apresentaram algum temor para as estruturas sociais da época e que deveriam ser controladas.

As mulheres eram acusadas de ser pouco razoáveis, vaidosas, selvagens, esbanjadoras. A língua feminina era especialmente culpável, considerada um instrumento de insubordinação. Porém, a principal vilã era a esposa desobediente, que, ao lado da “desbocada”, da “bruxa” e da “puta”, era o alvo favorito de dramaturgos, escritores populares e moralistas (Federici, 2017,p.202).

Com a caça às “bruxas” queriam instaurar um novo código social para a época, que a cozinha (o lar) era um novo lugar para as mulheres assumirem. Quando imaginamos a imagem de uma bruxa, sempre imaginamos uma senhora mais velha, com uma verruga, às vezes pode ser verde, mora na floresta, tem bastante contato com os animais, principalmente um gato preto, sempre está fazendo poções em seu caldeirão. Ela sempre vem com a imagem de uma mulher que não segue “a feminilidade” que pediam para a época, pois a beleza dessa “feminilidade” impactou o mundo. Para Naomi Wolf, “Recorrendo a conceitos de beleza ela construiu um mundo feminino alternativo, com as próprias leis, economia, religião, sexualidade, educação e cultura, sendo cada um desses elementos tão repressor (...)”⁴⁰

A bruxa era uma mulher velha e aterrorizadora, com uma verruga no rosto, que vivia isolada numa cabana na floresta, a preparar as suas poções malélicas num caldeirão. Ao seu redor podiam encontrar-se animais também eles associados ao mundo do oculto ou considerados na época

⁴⁰ WOLF, Naomi. **O mito da beleza**, como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Editora Rosa dos Tempos, 2018, página 34.

como “peçonhentos”. Podiam ser gatos pretos, salamandras, cobras, bodes, morcegos e corujas. Estes animais ainda hoje são, geralmente, associados a estas figuras (Moreira, 2021, P.65).

De acordo com Rose Muraro, a imagem das mulheres transformam-se ao longo do século uma hora elas “doadora da vida, símbolo da fertilidade para as colheitas e os animais, agora a situação se inverte: a mulher é a primeira e a maior pecadora, a origem de todas as ações nocivas ao homem.”⁴¹. Esse imaginário de “bruxa” que foi passado por séculos, teve a justificativa de colocar mulheres parteiras como uma “verdadeira bruxa”, pelo fato que parteiras, curandeiras e entre outras milhares de mulheres não seguiam uma representação da feminilidade “perfeita”. Estas mulheres que viviam suas vidas livremente, e para o Estado eram elas quem deveriam ser combatidas com estes conhecimentos que as curandeiras/ parteiras carregavam e auxiliavam a população mais pobre.

Desde a mais remota antiguidade, as mulheres eram as curadoras populares, as parteiras, enfim, detinham saber próprio, que lhes era transmitido de geração em geração. Em muitas tribos primitivas eram elas as xamãs. Na Idade Média, seu saber se intensifica e aprofunda. As mulheres camponesas pobres não tinham como cuidar da saúde, a não ser com outras mulheres tão camponesas e tão pobres quanto elas. Elas (as curadoras) eram as cultivadoras ancestrais das ervas que devolviam a saúde, e eram também as melhores anatomistas do seu tempo. Eram as parteiras que viajavam de casa em casa, de aldeia em aldeia, e as médicas populares para todas as doenças (Muraro, 2015, P.184).

Para Federici esse poder que estavam nas mãos femininos deveriam ser desmantelado para sempre, essas “bruxas” foram figuras de mulheres livres que com a “caça às bruxas” deveriam ser exterminadas e com uma “encarnação de um mundo de sujeitos femininos que o capitalismo precisou destruir: a herege, a curandeira, a esposa desobediente, a mulher que ousa viver só.”⁴²

A bruxa era uma mulher de má reputação, que na juventude apresentou comportamento libertino, promíscuo. Muitas vezes, tinha crianças fora do casamento e sua conduta contradiz o modelo de feminilidade que, por meio do direito, do púlpito e da reorganização familiar, fora imposta à população feminina da Europa durante esse período. Às vezes era a curandeira e praticantes de várias formas de magia que a tornavam popular na comunidade, mas isso cada vez mais a assinalava como perigo à estrutura de poder local e nacional em sua guerra contra todas as formas de poder popular (Federici, 2019, p.53).

⁴¹MURARO, Rose. **Breve introdução histórica (ao livro o martelo das feiticeiras)**. Revista Em aberto. v.27 n.92 (2014) Gênero e educação.página 186 Disponível em:]<<https://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2515/2253> Acesso em: 9 abr. 2025.

⁴² FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva** (coletivo Sycorax, trad).São Paulo: Editora Elefante, 2017, página 24

Em **calibã e a bruxa**, pontua sobre a discriminação sobre as parteiras, e como acarretou o surgimento de médicos nos partos e estes eram conhecimentos totalmente feminino. A partir da “caça às bruxas” realizou a função de partos apenas para homens, esta ascensão no saber médico proporcionou a queda do saber feminino sobre os partos. Para Naomi toda ascensão no poder feminino é reprimido pelo Estado, pois “procurava penalizar as mulheres por seus atos públicos, prejudicando seu sentido de individualidade, tornou-se o paradigma de novos limites impostos por toda parte às mulheres em ascensão”⁴³

Também, a suspeita que recaiu sobre as parteiras nesse período – e que levou ao ingresso de médicos homens na sala de partos;”
“Com a marginalização da parteira, começou um processo pelo qual as mulheres perderam o controle que haviam exercido sobre a procriação, reduzidas a um papel passivo no parto, enquanto os médicos homens passaram a ser considerados como “aqueles que realmente davam vida” (como nos sonhos alquimistas dos magos renascentistas). Com essa mudança, também começou o predomínio de uma nova prática médica que, em caso de emergência, priorizava a vida do feto em detrimento da vida da mãe (Federici,, 2017, p.177).

As mulheres que iam para a fogueira acusadas de bruxaria eram apenas mulheres normais que viviam suas vidas tranquilamente, em uma sociedade que articulava a todo momento formas de matá-las sem ressentimentos. Este medo que propagou-se na época que todas mulheres, sem exceção, era uma criatura malvada e quem “comiam crianças e entregava o seu sangue para demônios” as mulheres tinham características belas, e no fundo eram deploráveis, as acusações foram feitas por todos, vizinhos, filhos, maridos. Em **calibã e a bruxa** nos aborda que essa caça realizou-se na maioria das vezes contra senhoras idosas (a maioria lembrava das promessas que o Estado tinha feito ou lutaram no cercamentos) e foram levadas para a fogueira.

Somente na medida em que a perseguição avançou e o medo de bruxas — assim como o medo de ser acusada de bruxaria ou de “associação subversiva” — foi disseminado entre a população, as acusações começaram a vir também dos vizinhos. Na Inglaterra, as bruxas eram normalmente mulheres velhas que viviam da assistência pública, ou mulheres que sobreviviam indo de casa em casa mendigando pedaços de comida, um jarro de vinho ou de leite; se estavam casadas, seus maridos eram trabalhadores diaristas, mas, na maioria das vezes, eram viúvas e viviam sozinhas. Sua pobreza se destaca nas confissões (Federici,2017, p. 309).

O modelo de “bruxa” foi perpetuado por séculos, principalmente senhoras (na maioria das vezes era um simbologia para as parteiras) que faziam qualquer coisa

⁴³ WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Editora Rosa dos tempos, 2018, página 38.

para ter sua juventude novamente no auge, a beleza de uma moça nova. Essas senhoras idosas, no imaginário dos contos infantis por séculos, eram “tão cruéis” que comiam crianças, faziam poções, não seguiam o estereótipo de mulher que estava sendo perpetuado. Federici aborda que essa “caça às bruxas” sucedeu para desprezar as mulheres “a caça às bruxas” foi, portanto, uma guerra contra as mulheres; foi uma tentativa coordenada de degradá-las, demonizá-las e destruir seu poder social.”⁴⁴

A partir desse momento, os crimes reprodutivos ocuparam um lugar de destaque nos julgamentos. No século XVII, as bruxas foram acusadas de conspirar para destruir a potência geradora de humanos e animais, de praticar abortos e de pertencer a uma seita infanticida dedicada a assassinar crianças ou ofertá-las ao demônio. Também na imaginação popular, a bruxa começou a ser associada à imagem de uma velha luxuriosa, hostil à vida nova, que se alimentava de carne infantil ou usava os corpos das crianças para fazer suas poções mágicas — um estereótipo que, mais tarde, seria popularizado pelos livros infantis (Federici, 2017, p.324).

Às “bruxas” não apenas eram senhoras idosas que afetavam as estruturas sociais em “pedir esmolas” ou parteiras, eram também mulheres que possuíam sua sexualidade própria, vivia nos seus próprios modos, falava alto, sentava de qualquer jeito, vivia uma liberdade que apenas era designadas para os homens. Todas as mulheres que abalavam as estruturas sociais eram culpabilizadas como “bruxas”, elas eram vistas como “Ambígua, a bruxa pode ser tanto a bela jovem sedutora (ainda sem marido e cheia de pretendentes) como a horrenda anciã (viúva solitária), aparentada com a morte.”⁴⁵

Todavia, a bruxa não era só a parteira, a mulher que evitava a maternidade, ou a mendiga que, a duras penas, ganhava a vida roubando um pouco de lenha ou de manteiga de seus vizinhos. Também era a mulher libertina e promíscua — a prostituta ou a adúltera e, em geral, a mulher que praticava sua sexualidade fora dos vínculos do casamento e da procriação. Por isso, nos julgamentos por bruxaria, a “má reputação” era prova da culpa. A bruxa era também a mulher rebelde que respondia, discutia, insultava e não chorava sob tortura. Aqui, a expressão “rebelde” não se refere necessariamente a nenhuma atividade subversiva específica na qual pode estar envolvida uma mulher. Pelo contrário, descreve a personalidade feminina que se havia desenvolvido, especialmente entre o campesinato, no contexto da luta contra o poder feudal, quando as mulheres atuaram à frente dos movimentos heréticos, muitas vezes organizadas em associações femininas, apresentando um desafio

⁴⁴ FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva (coletivo Sycorax, trad). São Paulo: Editora Elefante, 2017, página 334

⁴⁵ ZORDAN, Paola Basso Menna Barreto Gomes. Bruxas: figuras de poder. Revista Estudos Feministas. [S. l.], v. 13, n. 2, p. 332, 2005. DOI: 10.1590/S0104-026X200500020007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X200500020007>. Acesso em: 31 mar. 2025

crescente à autoridade masculina e à Igreja (Federici, 2017, p. 331-332).

De acordo com Julia Myara, compreende que as mulheres e suas próprias histórias foram apagadas ao longo dos séculos. A “caça às bruxas” realizou um silenciamento sobre essas mulheres, suas vivências, suas sabedorias, suas culturas e suas práticas foram queimadas. Uma civilização totalmente patriarcal escreveu a história desse genocídio, perpetuou por décadas essa visão preconceituosa sobre quem eram essas “bruxas”, mulheres que apenas tinham a função de auxiliar no progresso da civilização, e foram excluídas e marginalizadas.

Sabemos que, por muitos motivos, as mulheres foram deliberadamente excluídas, apagadas, perseguidas, brutalizadas, silenciadas e assassinadas. Não só as que puderam criar e pensar foram esquecidas, mas quantas outras foram impedidas sequer disso? A caça às bruxas, um dos eventos que coroaram o fim do medievo e o início da modernidade, não foi um episódio isolado, ainda que muitíssimo significativo. A história da nossa cultura, com seus diversos momentos gloriosos, também é a história da civilização patriarcal e, por conseguinte, da brutalização dos corpos dos outros (Myara., 2024, p.24).

As parteiras/curandeiras foram representadas como “monstros” pela sociedade, foram demonizadas e ridicularizadas em seus trabalhos e com a perseguição sobre seus conhecimentos foram apresentadas em contos infantis. Com a “caça às bruxas” e o novo modelo de feminilidade imposto para essas mulheres foram utilizados os contos como uma tentativa de disciplinarização dos novos corpos femininos e seus papéis na sociedade moderna.

5. Considerações Finais

Diante das reflexões abordadas no texto, foi fundamental compreender que a “caça às bruxas” foi pensado por todas as estruturas da sociedade para ser realizada. Observamos na contextualização da Caça que a transição do feudalismo para o capitalismo foi uma dos elementos importantes para a Idade Moderna se consolidar, levando em conta que todos os aparelhos burocráticos dos Novos Estados, juntamente com os saberes médicos e intelectuais usufruíram sobre as mortes dessas mulheres.

As parteiras foram os estereótipos mais utilizados para a divulgação de “bruxas”, usaram suas imagens, seus conhecimentos e realizaram sátiras de seus sofrimentos. Os contos foram modelos de ensinamentos para as novas gerações, as culturas da população retratadas como “demoníacas” e as mulheres que viviam livres em seus próprios moldes foram eternizadas como “bruxas” horripilantes que por décadas foram motivo de vergonha e desprezo.

Com a análise do contexto histórico juntamente com a análise do conteúdo dos contos compreende que a partir da Idade Moderna, as mulheres iriam desempenhar novos papéis na sociedade, os papéis de mãe e dona do lar iriam ser fundamentais para o capitalismo e seu novo mercado, os corpos femininos por séculos foram difamados e subestimados. Como a figura da bruxa foi transformada em algo ruim? Desde novas as meninas são “atraídas” pelas personagens que carregam os estereótipos do que “seria uma mulher perfeita”. As princesas sempre foram vinculadas ligadas com a feminilidade. Entretanto, podemos observar um recorte racial, por décadas apenas existiam princesas brancas e loiras, com ar “gracioso”. Porém, as meninas que não eram brancas sempre ficavam com o papel de “bruxa”. Compreende-se que este papel de “bruxa” está entrelaçado com as visões estereotipadas sobre as mulheres que foram para as fogueiras, as difamações sobre essas “bruxas” seriam as mesmas realizadas para as mulheres nas colônias.

Observamos a perpetuação dessa figura da parteira, uma mulher livre, tinha o conhecimento de plantas, tinha o próprio jeito de viver, para Federici as parteiras foram um elemento fundamental para a destruição dos corpos na “caça às bruxas”. Devemos entender que a possuíam vários motivos para a realização da “caça às bruxas”: a destruição do corpo feminino e a ligação com a natalidade, a perda de

conhecimentos populares, a instalação das reformas religiosas nos novos moldes, uma “nova cultura instaurada” e etc...

Na caça às “bruxas” “legalizaram” às mortes de milhares de mulheres. E esse ódio é perceptível nos nossos dias. Neste ano de 2025 observamos os casos de feminicídios aumentarem, a exposição da misoginia sem remorso, todos os dias somos bombardeadas sobre notícias horríveis, o canal do tik tok obteve a crescente popularidade de conteúdos sobre mulheres “mais femininas”, a onda do movimento “clean girl” que retorna com uma moda estilizada e “limpa” invoca uma “feminilidade” mais feminina em seus acessórios e excluí estilos que não seguem esse modelo de mulher, e o aumento de ódio sobre as mulheres com os adolescentes. Todos esses “movimentos” voltam a surgir quando tem um crescimento de “poderes” sobre os direitos femininos, quando começamos a notar mais mulheres na política, aumento de mulheres como professoras universitárias, mulheres em todas as áreas revoltam uma sociedade que foi construída na Idade Moderna, uma sociedade de “apenas uma cultura”, cristã, branca e burguesa.

Com esta pesquisa compreende-se de fato a ligação da “caça às bruxas”, do medo constante, a demonização sobre “bruxas” com os dias atuais onde há novas perseguições sobre as mulheres. Às “bruxas” nos contos foram responsáveis por moldar as mentes de crianças e o ódio sobre mulheres que fugiam do estereótipo de “mulheres mais femininas”, às “bruxas” foram mulheres livres, vivendo em seus próprios moldes na sociedade. Refletimos que, a sociedade criada na Idade Moderna, onde mulheres estavam ligadas (biologicamente) em serem mães e “submissas” com o passar dos séculos, quando alguma mulher rompe este modelo criado ela é vista com ódio.

Devemos compreender que por séculos o imaginário sobre “o que era ser” uma mulher teve as ciências e o Estado ditando esse modelo, com a “caça às bruxas” fundou este estereótipo de “mulher perfeita”, na modernidade a mulher “perfeita” deveria ser: branca, submissa, ser mãe, cristã, ser extremamente magra e quando uma mulher não seguia esses padrões eram rivalizadas e colocadas como “bruxas”.

Por fim, nesta pesquisa, entendemos que os contos, criados para perpetuar uma sátira das mulheres e disciplinar todos sobre os caminhos “perfeitos” para ser uma mulher, auxiliou na propagação da misoginia. As mulheres por séculos foram sentenciadas, por meio de uma “ciência machista” a serem inferiorizadas, os

domínios dos seus corpos e mentes estariam aprisionadas em um espelho e pelo Estado.

6.REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Rio de Janeiro: Edições 70, 1977.

BASILE, Giambattista. O conto dos Contos: Sol, Lua e Tália. [S. l.: s. n.], 1634.

BURKE, Peter. Cultura popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800. Tradução Denise Bottmann. Companhia de Bolso. 2010.

CARDOSO, Rosane Maria; DUTRA, Viviane da Silva. A desconstrução do mal: a relação entre “A Bela Adormecida” e “Malévola”. Linguagem: Estudos e Pesquisas, Goiânia, v. 19, n. 1, 2016. DOI: 10.5216/lep.v19i1.39898. Disponível em:<https://periodicos.ufcat.edu.br/index.php/lep/article/view/39898>. Acesso em: 19 maio. 2025.

CHARTIER, Roger, 1945. Leituras e leitores na França do Antigo Regime. Roger Chartier; tradução Álvaro Lorencini, São Paulo: Editora UNESP, 2004.

CHARTIER, Roger. O mundo como Representação. Estudos Avançados 11(5), 1991. Tradução de Andrea Daher e Zenir Campos Reis.

DAVIS, Natalie. Culturas Do Povo. Sociedade E Cultura No Início Da França Moderna. Editora Paz e Terra. 2001.

FEDERICI, Sílvia. Mulheres e a caça às bruxas: da idade média aos dias atuais. Tradução Heci Regina Candiani. 1 edição. São Paulo: Boitempo, 2019.

FEDERICI, Sílvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva (coletivo Sycorax, trad). São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FILHO, Luciano Bezerra Agra. **Religião e Magia na Idade Moderna no campo historiográfico**. História, imagem e narrativas N 6, ano 3, abril/2008 – ISSN 1808-9895 - <http://www.historiaimagem.com.br>

GEVEHR, Daniel Luciano; SOUZA, Vera Lucia de. As mulheres e a Igreja na Idade Média: misoginia, demonização e caça às bruxas. Revista Acadêmica Licencia&acturas, Ivoti, RS, v. 2, n. 1, p. 113–121, 2014. DOI: [10.55602/rlic.v2i1.38](https://doi.org/10.55602/rlic.v2i1.38). Disponível em: <https://old.licenciaeacturas.com.br/index.php/licenciaeacturas/article/view/31>. Acesso em: 5 jun. 2025.

GINZBURG, Carlo. **História Noturna**: decifrando o sabá. Tradução de Nilson Moulin Louzada- São Paulo. Companhia das Letras, 1939.

GRIMM, Jacob; GRIMM Wilhelm. **Contos dos Irmãos Grimm**: Clássico infantojuvenis. Edição. Agrupamento de Escolas de Rio Mouro, outubro de 2013.

KRAMER, Heinrich; SPRENGER Jacobus. Malleus Maleficarum/ Martelo das Bruxas. Tradução: Alex H.S. Brasil. 2007.

LAJOLO, Marisa. Literatura e história da literatura, senhoras muito intrigantes. Remate de Males, Campinas, SP, v. 13, p. 105–112, 2012. DOI: 10.20396/remate.v13i0.8636200. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8636200>
Acesso em: 3 jun. 2025.

LEVACK, B. P. Caça às bruxas na Idade Moderna. [s.l.] Campus Editora RJ; 1a edição, 1 de janeiro de 1900.

MACHADO, Maria Eva. “Contributo para uma análise de contos de Alexandre Parafita: Deusas e Bruxas”. Disponível: <https://hdl.handle.net/1822/9063>. 2008

MICHELET, Jules. **A feiticeira**. Editora Aquariana; 1a edição, 2003.

MONTICELLI, Andressa Alteneter. Contos de Fadas: A moral Européia na Idade Moderna.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MURARO, Rose. Breve introdução histórica (ao livro o martelo das feiticeiras). Revista Em aberto. v.27 n.92 (2014) Gênero e educação.página 186 Disponível em: <https://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2515/2253>
Acesso em: 9 abr. 2025.

MYARA, Julia. Deusas, bruxas e feiticeiras [livro eletrônico] : histórias de quando deus era mulher / Julia Myara. — São Paulo : Planeta do Brasil, 2024. ePUB

PERRAULT, Charles. A Bela Adormecida do Bosque, 1697, s/p. 1697.

PESAVENTO, Sandra. História e História Cultural. Editora Autêntica. 2007, p.15.

RIBEIRO, Maria Goretti. A bruxa no conto popular. Revista Humanitae, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 40–49, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revistahumanitae/article/view/15152>. Acesso em: 22 abr. 2025

RODRIGUES, Icles. O Medo Da Fome Nos Contos De Fadas Dos Séculos XVII Ao XIX. III Semana Acadêmica de História – Destinchando Quimeras: Mitos, Pensamentos e Cosmogonias. De 5 a 8 de novembro de 2012. Realizado pelo Centro Acadêmico de História, UDESC, Florianópolis, SC

WOLF, Naomi. O mito da beleza, como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Editora Rosa dos Tempos, 2018.

ZORDAN, Paola Basso Menna Barreto Gomes. Bruxas: figuras de poder. Revista Estudos Feministas. [S. l.], v. 13, n. 2, p. 336, 2005. DOI: 10.1590/S0104-026X200500020007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X200500020007>.
Acesso em: 31 mar. 2025

